



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

A fantasia em Melanie Klein e Lacan: diferenças e similaridades.

Florianópolis, 2008.

Marcella Pereira de Oliveira

A fantasia em Melanie Klein e Lacan: diferenças e similaridades

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção de grau de Mestre em Psicologia, na linha de pesquisa Práticas Sociais e Constituição do Sujeito, sob orientação do Prof Dr. Sérgio Scotti.

Dedico esta dissertação à minha mãe, por sempre ter feito o possível e o impossível para que eu atingisse todos os meus objetivos...

Ao superar mais este desafio, não posso deixar de lhe tirar este mérito: É sua também mãe!

Agradecimentos

A toda a minha família, pelo apoio nesta difícil tarefa, especialmente ao meu pai, pelo apoio financeiro;

Ao meu orientador, Sérgio Scotti, pela paciência ao me ensinar no início do percurso e compreensão neste período final quando precisei...enfim, por toda a orientação;

À minha orientadora, Maria Thereza C. C. de Souza, e minhas colegas de iniciação científica Camila e Samanta, por todo o aprendizado ao longo dos cinco anos de graduação, pela atenção durante nossas infinitas tardes de sexta-feira, as quais deram oportunidade de construirmos uma grande amizade;

A todos os professores do departamento de psicologia da UFSC que de alguma forma me ajudaram neste percurso, em especial ao prof. Fernando Aguiar, por toda a ajuda e esclarecimento;

A todos os meus colegas de mestrado, em especial ao Cláudio, Evandro, Jana e Rita, pela ajuda e paciência, por todas as festas e cervejas e toda a amizade que construímos;

Enfim, a todos os que, de alguma forma, me ajudaram na realização de mais este sonho!

Resumo

Esta dissertação é um estudo bibliográfico a respeito das similaridades e diferenças do conceito de fantasia nas teorias de Melanie Klein e Jacques Lacan, com objetivo final de enfoque no que o autor francês avançou em relação à autora austríaca no que diz respeito a este conceito. Encontra-se dividido em quatro partes: a primeira é uma introdução que inclui a apresentação do trabalho; a contextualização dos dois autores que norteiam o estudo e uma introdução à temática das fantasias com base nas teorias de Sigmund Freud, pai da psicanálise, de Melanie Klein e de Jacques Lacan, uma vez que os dois últimos partiram do primeiro na construção de suas próprias teorias. A segunda é uma confrontação das teorizações kleiniana e lacaniana a respeito das fantasias, ressaltando diferenças e semelhanças entre ambas. A terceira é uma nova confrontação de ambas as teorizações, porém com um novo enfoque: defender a hipótese de que o autor francês, em sua teorização acerca das fantasias, foi além da autora austríaca, já que não deixou de considerar suas produções e ainda refletiu acerca de aspectos não aprofundados por Klein. A quarta e última contém uma reflexão final a respeito de tudo que foi abordado ao longo do trabalho, enfatizando, mais uma vez, o avanço lacaniano. Como material e método de trabalho, foram utilizadas para a produção da primeira parte obras de Sigmund Freud, o pai da psicanálise, bem como de seus seguidores, na função de comentadores, assim como também de Melanie Klein e de Jacques Lacan e de seus respectivos seguidores. Já para a produção da segunda, terceira e quarta partes foram utilizadas obras apenas das teorizações kleiniana e lacaniana (dos próprios autores e seus seguidores, na função de comentadores).

Palavras-chave: Fantasia; Psicanálise; Melanie Klein; Lacan.

Abstract

This dissertation is a bibliographical study about the similarities and differences of the concept of fantasy in the theories of Melanie Klein and Jacques Lacan, with ultimate goal of focusing on the French author moved on to the Austrian author with regard to this concept. It is divided in four parts: the first one is an introduction that includes the presentation of the work, the contextualization of the two authors that guide the study and an introduction to the topic of fantasies based on the theories of Sigmund Freud, the father of psychoanalysis, and also of Melanie Klein and Jacques Lacan, since the two last had used works from the first to build their own theories. The second one is a confrontation of Klein and Lacan theories about the fantasies, emphasizing differences and similarities between them. The third one is a new confrontation of both theories, but with a new focus: to defend the hypothesis that the French author, in his theories about the fantasies, was beyond the Austrian author, since he had considered her productions as well reflected on issues not detailed by Klein. The fourth and last one contains a final reflection about everything that was discussed during the work, emphasizing once again the progress of Jacques Lacan. As material and working method, were used for the production of the first part works of Sigmund Freud, the father of psychoanalysis, and of his followers, in the function of commentators, as well as Melanie Klein and Jacques Lacan and their followers. For the production of the second, third and fourth parts were used only works of Melanie Klein and Jacques Lacan (the authors themselves and their followers, in the role of commentators).

Key-Words: Fantasy; Psychoanalysis; Melanie Klein; Lacan.

Sumário:

Capítulo 1. Introdução.....	10
1-1. Apresentação.....	10
1-2. Contextualização inicial dos autores que norteiam meu trabalho.....	10
1-3. Conceitos introdutórios sobre a temática das fantasias.....	16
1-3. a) A fantasia para a teorização freudiana.....	17
1-3. b) Melanie Klein e as fantasias inconscientes.....	21
1-3. c) A vida fantasística na teorização lacaniana.....	25
Capítulo 2. Principais aspectos da fantasia em Melanie Klein e em Lacan: diferenças e semelhanças.....	28
2-1. A natureza da fantasia.....	28
2-1. a) A natureza da fantasia para a teorização lacaniana.....	28
2-1. b) A natureza da fantasia kleiniana.....	31
2-2. A atividade fantasística: suas funções.....	33
2-3. As relações objetais.....	34
2-3. a) A introjeção e a projeção.....	36
2.4. A fantasia e o desejo.....	38
2-4. a) A fantasia como suporte do desejo para Lacan.....	38
2-4. b) A fantasia como realização do desejo para Klein.....	40
2.5. O significante fantasístico trabalhado por Lacan.....	41
2.5. a) A fórmula matemática da fantasia lacaniana.....	41
2-5. b) O significante explorado por Lacan em Bate-se em uma criança.....	46
2-6. A fantasia e as estruturas psíquicas subjacentes.....	48

2-6. a) <i>As estruturas lacanianas</i>	48
2-6. b) <i>A atividade fantasística dos psicóticos em Klein</i>	53
2.6. c) <i>Conclusão</i>	53
2-7. <i>A constituição do sujeito</i>	54
2-7. a) <i>A constituição do sujeito em Lacan: a alienação e a separação</i>	54
2-7. b) <i>A constituição do sujeito para Melanie Klein: um percurso nas manifestações fantasísticas ao longo do desenvolvimento</i>	55
2-8. <i>Fantasias e conteúdos patológicos</i>	65
2-8. a) <i>A patologia sob uma visão kleiniana</i>	66
2-8. a) 1. <i>Fixações nos estágios primitivos</i>	66
2-8. a) 2. <i>As neuroses</i>	68
2-8. a) 3. <i>Decorências das neuroses</i>	70
2-8. a) 4. <i>A introjeção e projeção associadas à patologia</i>	71
2-8. a) 5. <i>Dificuldades no início do período escolar</i>	72
2-8. b) <i>Alguns tipos de psicoses sob uma visão kleiniana e lacaniana</i>	73
2-8. b) 1. <i>A paranóia</i>	73
2-8. b) 2. <i>A depressão e a melancolia</i>	75
2-8. b) 3. <i>A claustrofobia</i>	76
2-8. b) 4. <i>A esquizofrenia</i>	77
2-8. b) 5. <i>O Autismo</i>	77
2-8. c) <i>Conclusão</i>	78
2-9. <i>Fantasias e conteúdos sexuais</i>	79
2-9. a) <i>Fantasias sexuais na teorização kleiniana</i>	80
2-9. a) 1. <i>Fantasias masturbatórias</i>	80
2-9. a) 2. <i>Fantasias sexuais das meninas</i>	83

2-9. a) 3. <i>Fantasias sexuais e os sintomas neuróticos</i>	84
2-9. a) 4. <i>O mistério do ato sexual dos pais</i>	85
2-9. a) 5. <i>Sublimação: processo fundamental para o aprendiz</i>	87
Capítulo 3. O avanço Lacaniano	89
3-1. <i>Kant com Sade e o avanço lacaniano</i>	89
3-1. a) <i>Kant com Sade e a fantasia fundamental</i>	90
3-1. b) <i>O objeto α e a fantasia perversa</i>	92
3-2. <i>Limitações da teorização kleiniana</i>	93
3-3. <i>A fantasia do imaginário ao simbólico</i>	95
3-3. a) <i>Melanie Klein e o imaginário</i>	95
3-3. b) <i>Lacan do imaginário ao simbólico</i>	97
3-4. <i>A fantasia no trabalho de análise</i>	100
3-4. a) <i>A análise kleiniana</i>	101
3-4. b) <i>A análise lacaniana</i>	105
3-4. c) <i>O avanço lacaniano no trabalho analítico</i>	108
Capítulo 4. Palavras finais	111
5. Referências bibliográficas	113

1. *Introdução*

1-1. *Apresentação*

Meu trabalho tem como principal objetivo a investigação do conceito de fantasia tal como elaborado por Jacques Lacan e Melanie Klein, confrontando estas abordagens entre si. Também foi focado o que este autor francês conseguiu avançar em relação à autora austríaca no que concerne à temática da fantasia. Estes dois psicanalistas foram eleitos devido ao fato de terem desenvolvido teorias com enfoques bastante divergentes, pode-se dizer até mesmo com abordagens opostas, o que me instigou a possibilidade de confrontação de ambas.

Foi realizada uma pesquisa documental, de caráter bibliográfico, ou seja, para atingir meu objetivo foram utilizadas as principais obras a respeito da temática das fantasias dos psicanalistas que norteiam meu trabalho. Também foram utilizadas obras e informações orais de seguidores dos mesmos, na função de comentadores, com intuito de um melhor esclarecimento acerca das idéias destes dois principais autores.

1-2. *Contextualização inicial dos autores que norteiam meu trabalho*

Dentre os psicanalistas freudianos, Karl Abraham merece um especial destaque devido a sua colaboração no desenvolvimento de uma teoria que destaca a agressividade como algo de importância crucial durante os primeiros meses de desenvolvimento da criança, bem como ao implantar a clínica psicanalítica no tratamento das psicoses. Entre os discípulos deste autor destaca-se Melanie Klein. A autora, além de haver feito análise

com Abraham, foi seguidora dos seus pensamentos, tendo sido sempre encorajada e estimulada pelo mesmo em seus estudos, considerando-o seu grande mestre.

Nascida na Áustria, Klein passou grande parte de sua vida na Inglaterra, devido ao incentivo de seu amigo, também psicanalista, Ernest Jones. A partir de sua leitura da obra freudiana *Sobre os sonhos* (FREUD, 1900/1969), em 1914, Klein se engaja no movimento psicanalítico iniciando uma empreitada que só terá fim com seu falecimento em 1960. Esta autora transformou o freudismo clássico, criando uma nova forma de análise, a análise de crianças, aprofundando-se no estudo da mente das crianças de tenra idade, em suas fantasias, medos, angústias, etc. Sua primeira tarefa foi desenvolver uma técnica de análise que viabilizasse o acesso ao inconsciente infantil, já que não é esperado que uma criança pequena colabore com a técnica de associação livre (MONEY-KYRLE, 1980). Ela desenvolveu então a análise através da brincadeira. Por meio desta a autora interpretava as fantasias, as angústias, e outras manifestações do inconsciente da criança, as quais eram expressas de maneira simbólica.

O comprometimento de Melanie Klein com a teoria freudiana pode ser visto na relevância que ela atribui ao inconsciente e seus processos, os quais são expressos através de sonhos, particularidades da fala, brincadeiras e ações. Contudo, a autora diverge do pai da psicanálise em relação à importância crucial que este atribui à sexualidade, uma vez que coloca a agressividade, inata na criança, como central em sua teoria (JORGE, 2007a).

Esta autora austríaca ampliou o freudismo clássico ao estudar os sentimentos presentes nas relações do neonato com sua mãe; bem como ao aprofundar-se nos fenômenos psicóticos, já que estes foram abordados por Freud escassamente. A teorização kleiniana a respeito das fantasias inconscientes é muito mais precisa e detalhada (RIVIERE, 1986a). Pode-se dizer que a autora aumentou o poder da análise

clínica e aplicada, ao abordar estes aspectos que não foram explorados por Freud (MONEY-KYRLE, 1980). Portanto, a partir do pensamento psicanalítico de Sigmund Freud, Klein criou uma nova escola de psicanálise na Inglaterra, o kleinismo, e, portanto, merece o reconhecimento como chefe de uma escola (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Ao estudar o desenvolvimento de crianças muito pequenas, Klein (*apud* MEZAN, 2002) comprova a teoria de Abraham a respeito da existência de uma agressividade inata em suas vidas, a qual determina que elas sejam tomadas por um grande sentimento de culpa e de perseguição, sentimentos que evidenciam a presença de um superego.

Desta forma, a autora discordou de Freud no tocante a esta questão. Para este, o superego era formado em consequência do complexo de Édipo¹, por volta dos cinco anos de idade, através da internalização das restrições impostas pelos pais, como um controle interno dos impulsos. Já para Melanie Klein o superego é formado muito antes, durante os primeiros meses de vida, juntamente à formação do complexo de Édipo, podendo-se falar de um superego e um Édipo precoces em relação à teoria freudiana. A formação do superego para a teoria kleiniana ocorre por meio dos mecanismos de introjeção e projeção realizados para com o mundo externo, os quais significam a internalização no mundo interno da criança de aspectos de objetos com os quais se identifica e a projeção nos objetos do mundo exterior de aspectos que não suporta como seus.

Pode-se afirmar que uma das principais contribuições da teorização kleiniana são os conceitos de posição esquizo-paranóide e posição depressiva. Estes são períodos

¹ Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob sua forma direta positiva, o complexo apresenta-se como na história do Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é o personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988a).

normais do desenvolvimento que perpassam a vida de todas as crianças, tais como as fases do desenvolvimento psicosexual criadas por Freud (1905/1969). Contudo, são mais maleáveis do que estas fases, devido ao fato de instalarem-se por necessidade, e não por maturação biológica; embora a autora não deixe de considerar as fases da teoria freudiana a respeito do desenvolvimento infanto-juvenil (SIMON, 1986).

O bebê nasce imerso na posição esquizo-paranóide, cujas principais características são: a fragmentação do ego; a divisão do objeto externo (a mãe), ou mais particularmente de seu seio, já que este é o primeiro objeto com o qual a criança estabelece contato, em seio bom e seio mau – o primeiro é aquele que a gratifica infinitamente e o segundo aquele que somente lhe provoca frustração –; a agressividade e a realização de ataques sádicos dirigidos à figura materna. A posição depressiva emerge com a elaboração dos sentimentos característicos da posição anterior. Seus principais atributos são: a integração do ego e do objeto externo (mãe/seio), sentimentos afetivos e defesas relativas à possível perda do objeto em decorrência dos ataques realizados na posição anterior. Estas posições continuam presentes pelo resto da vida, alternando-se em função do contexto, embora a posição depressiva predomine num desenvolvimento saudável (SIMON, 1986).

Voltando-nos para a teorização de Jacques Lacan, a partir da publicação de sua tese de doutorado, em 1932, intitulada “Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade”, este autor inicia uma jornada que culmina no seu reconhecimento como o verdadeiro mestre da psicanálise na França. Diferentemente de Melanie Klein, Lacan propôs um retorno integral à obra freudiana, o qual teve início por volta de 1950 e só chegou ao fim devido à doença e o conseqüente falecimento do autor, em 1981. Em seus famosos seminários proferidos publicamente, Lacan analisava minuciosamente os principais textos freudianos. Porém, apesar de haver se implicado neste princípio de

leitura das obras de Freud em sua integridade, atentamente, Lacan acabou por criar uma nova escola de psicanálise, já que suas teorias avançaram por demais na obra freudiana (MEZAN, 2002).

A teoria lacaniana proporcionou uma grande contribuição à psicanálise ao atribuir um caráter lingüístico-filosófico à obra de Sigmund Freud, até então baseada em alicerces neurobiológicos. Suas obras podem ser facilmente reconhecidas pelo seu estilo, barroco e sofisticado, de difícil compreensão. O autor foi também leitor da filosofia heideggeriana, da lingüística saussuriana e das teorias de Lévi-Strauss (ROUDINESCO; PLON, 1998). Com base na primeira, retirou seu questionamento acerca da verdade e do ser, sempre presente em seu pensamento; já baseado na segunda, retirou sua idéia de que “o inconsciente está estruturado como uma linguagem”, ou seja, de que o simbólico organiza o inconsciente; e a partir da terceira ele justamente deduziu a noção de simbólico.

Partindo destas teorias, o autor desenvolveu as três instâncias psíquicas: a imaginária, lugar do Eu por excelência, passível de ser representada de diversas maneiras, através de imagens; a simbólica, a qual é demonstrada pelas construções lacanianas através das leis da linguagem, obedecendo às regras e leis desta; e a real, a qual designa uma realidade impossível de representação e de simbolização, ou seja, o oposto do imaginário, a ausência de sentido. É importante ressaltar que a simbólica foi a mais enfatizada e mais bem desenvolvida pelo autor (ROUDINESCO; PLON, 1998).

A afirmação de que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” é uma grande marca de sua obra. Contudo, não podemos deixar de mencionar que, antes de identificar o inconsciente como lugar próprio da linguagem, Lacan estudou o campo social, a família e o estágio especular que perpassa a criança no início de sua vida. Estes são lugares de acontecimento dos fenômenos psíquicos (BASTOS, 2003). O campo

social não foi enfatizado como determinante da mente; Lacan procurou mostrar a formação do psiquismo a partir da relação do sujeito consigo mesmo, e dele com algum outro. Contudo, a família foi colocada como central na determinação das relações sociais do sujeito, uma vez que ela tem um papel fundamental na transmissão cultural e preside os mais importantes processos psíquicos.

Enquanto Freud criou sua teoria embasada na sexualidade, Lacan colocou o sujeito como objeto central de sua obra (NOBUS, 2001). Por meio do estágio do espelho, aliado aos três tempos do Édipo, postulados por Lacan, o infante é capaz de construir sua própria identidade corporal, distinta da mãe, através de sua imagem corporal (DOR, 1989). A experiência da criança no espelho é realizada em três tempos fundamentais: o primeiro é aquele no qual ela não diferencia o seu corpo do corpo materno. Durante o segundo tempo, a criança descobre que o outro que ela vê projetado no espelho não é uma pessoa, mas sim uma imagem e torna-se capaz de distinguir sua imagem da imagem do outro (mãe). Já durante o terceiro a criança toma conhecimento de que o sujeito visto por ela no espelho não é apenas uma imagem, mas a sua própria imagem. Desta forma, ela adquire a sua identificação primordial; a conquista da identidade é então sustentada pela dimensão imaginária.

Contudo, a separação definitiva entre a criança e a mãe ocorre durante os três tempos do Édipo, postulados por Lacan: durante o primeiro tempo, o predominante é a relação fusional entre a criança e a mãe; aquela está sujeita ao desejo desta. Com o surgimento da dialética de ser ou não ser o falo² da mãe é anunciada a entrada no segundo tempo do Édipo, no qual a presença paterna se faz sentir, com a intrusão do genitor na célula narcísica. Este tempo é fundamental para a entrada da dimensão

² O falo, na teorização lacaniana, é o próprio significante do desejo, um atributo divino, inacessível ao homem (ROUDINESCO; PLON, 1998).

simbólica na vida da criança, através da lei do pai, (Nome-do-Pai³, ou Não-do-Pai, também denominado por Lacan de recalque originário), a qual eleva o pai à dignidade de pai simbólico. O genitor então se mostra como um suposto portador do falo, objeto do desejo da mãe, colocando a criança na dialética de ter ou não ter o falo. O terceiro e último tempo anuncia o declínio do Édipo. Aqui o pai precisa comprovar sua posse do falo, sua lei é percebida de maneira simbólica.

A dialética do ter, mencionada acima, convoca o jogo das identificações: o menino se identifica com seu pai, uma vez que ele é o suposto portador do falo e a menina com sua mãe, já que esta é quem sabe onde o falo se encontra. Já que a criança não pode mais ser o falo, ela está apta a buscar objetos que substituam os pais como objeto de desejo, buscando, desta forma, a substituição do objeto perdido. A metáfora paterna – Nome-do-Pai – engaja a criança no status de ser um sujeito desejante, e não mais submetido ao desejo de sua mãe.

1-3. *Conceitos introdutórios sobre a temática das fantasias*

Esta pesquisa tem como enfoque uma confrontação do conceito de fantasia tal como proposto pelas teorias de Jacques Lacan e Melanie Klein, ressaltando o que aquele autor avançou em relação às teorizações desta autora, no que diz respeito a este conceito. Meu interesse pelas fantasias emergiu a partir de minhas pesquisas de graduação, as quais consistiam em um estudo de campo, embasado na teoria piagetiana e em contos de fadas dos irmãos Grimm. Os participantes, crianças e adolescentes de cinco a quinze anos, foram entrevistados por meio de um protocolo baseado em um determinado conto de fadas dos irmãos Grimm, previamente estabelecido, e suas

³ Termo criado por Jacques Lacan para designar o significante da função paterna. Em francês, *Nom du père* (ROUDINESCO; PLON, 1998).

respostas foram classificadas em categorias de desenvolvimento estabelecidas *a posteriori*.

Os resultados permitiram observar que as respostas de alguns participantes não se enquadravam na categoria esperada, de acordo tanto com a teoria de Piaget quanto com o padrão das respostas que vinham sendo emitidas pelos mesmos, no decorrer do protocolo. Isto me ocasionou a hipótese de que fantasias inconscientes poderiam estar atuando no mundo interno destas crianças e adolescentes, fazendo com que suas respostas estivessem sendo emitidas com base em uma percepção deformada da realidade, o que despertou minha curiosidade em estudar esta temática.

1-3. a) *A fantasia para a teorização freudiana*

O conceito de fantasia aparece na psicanálise em decorrência do trabalho de Freud com os pacientes histéricos. Sua importância decorre do fato de que em certo momento de seus estudos ele abandona a teoria da vivência de um trauma sexual como o causador da histeria e coloca, em seu lugar, a relevância da vida fantasística como um possível fator etiológico para esta enfermidade que se alastrava naquele período (MEZAN, 2002).

Isto é possível de ser constatado através dos documentos de Freud dirigidos a Fliess. No *Rascunho L*, uma destas cartas, o pai da psicanálise afirma que as fantasias são fachadas psíquicas construídas pelos histéricos com a finalidade de obstruir o caminho para as lembranças sexuais traumáticas (FREUD, 1897a/1969). As fantasias se apresentam à teoria psicanalítica, por conseguinte, relacionadas à lembrança de conteúdos sexuais. Freud ainda afirma, no *Rascunho M*, que todas as fobias são

derivadas de fantasias, as quais estão relacionadas não apenas à etiologia da histeria como também a outros distúrbios neuróticos (FREUD, 1897b/1969).

Prosseguindo, através da *carta 101* e da *carta 105* dirigidas a Fliess, é possível compreender que as fantasias são pensamentos que ocorrem durante um período posterior do desenvolvimento, de caráter sexual, os quais foram projetados na primitiva infância (FREUD, 1899a/1969, 1899b/1969). Pode-se afirmar então que a experiência sexual traumática referida acima não ocorreu de fato; ela não passou de uma fantasia. Os ataques histéricos, portanto, não passam de realizações de desejos, tal como os sonhos. Pode-se dizer que a emergência das fantasias em substituição à crença na experiência sexual traumática desembocou em um novo rumo na teoria psicanalítica (FREUD, 1906/1969), já que, a partir de então, os sintomas neuróticos foram compreendidos como representações de fantasias convertidas, cujo conteúdo está relacionado a algum desejo de caráter sexual, e não a um trauma real.

De acordo com Jorge (2007c) a aparição da fantasia na psicanálise é o marco que determina o nascimento propriamente dito desta escola. No momento em que Freud se liberta da questão do trauma e da sedução como fatores determinantes da histeria e leva em consideração a existência da vida de fantasia, a psicanálise vigora como uma teoria de estudo da mente humana. Não importa se esta fantasia ocorreu na realidade ou não, mas sim que existe uma atividade fantasística operando na vida psíquica.

O conceito de fantasia é bastante amplo, refere-se a diferentes significados, os quais são determinados socialmente e culturalmente. O termo *Phantasie*, alemão, designa a imaginação, ou seja, a atividade criadora, o mundo imaginário e seus conteúdos. Já *fantasme*, francês, designa a formação imaginária, está mais carregado de ressonâncias psicanalíticas do que seu sinônimo alemão e seu uso é mais restrito (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988b). Frequentemente o termo “fantasia inconsciente”

é utilizado referindo-se a formações imaginárias, sonhos diurnos pertencentes à esfera pré-consciente, ou até mesmo consciente.

É possível distinguir diversos tipos de fantasia a partir da teorização freudiana, tais como as conscientes, subliminares, inconscientes e as profantasias (fantasias relativas às origens da história do sujeito, filogeneticamente transmitidas); porém o interesse de Freud estava muito mais em relacioná-las do que em distingui-las. De uma forma geral, pode-se afirmar que a fantasia é uma “encenação imaginária em que o indivíduo está presente e que figura, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988b, p. 228).

Para o pai da psicanálise, as fantasias conscientes são os devaneios diurnos, romances que o sujeito conta a si mesmo ou até formas de criação literária; ao passo que as inconscientes são bem representadas pelos devaneios subliminares, cujo conteúdo pode estar relacionado a prefigurações dos sintomas neuróticos, como no caso da histeria (ROUDINESCO; PLON, 1998).

É possível destacarmos um período na obra freudiana, que vai de cerca de 1907 a 1911, denominado de *ciclo da fantasia* (JORGE, 2006b), durante o qual o pai da psicanálise produziu uma série de artigos tratando desta temática, cada qual com enfoque em determinados aspectos. Dentre estes se destacam: a fantasia e a criação literária, a fantasia e o sintoma (histérico, particularmente), a fantasia e os conteúdos sexuais infantis, a fantasia e os conteúdos familiares, etc. Começando em 1907 com o texto *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen* e terminando em 1911 com o texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, Freud se debruçou quase que exclusivamente sobre este tema durante quatro anos de sua vida.

A partir destes curtos textos produzidos neste período pode-se concluir que a fantasia emerge a partir da noção de realidade psíquica e do abandono da teoria de sedução das histéricas. Ela entra em cena como um substituto da brincadeira infantil (FREUD, 1907/1969), levando-se em conta a dificuldade de abdicar de uma atividade prazerosa. De acordo com Laplanche (1992), seguidor de Freud, as fantasias originárias, também denominadas de protofantasias⁴, são consideradas verdadeiros conceitos, na medida em que antecedem à existência do indivíduo (embora só venhamos a ter consciência delas durante o período de latência). São fantasias universais, presentes em todos os indivíduos, seja qual for a sua história. Diferentemente do que acontece nos devaneios diurnos, nas fantasias originárias o sujeito não narra a sua fantasia em primeira pessoa. Ele é um dos personagens dentre outros possíveis nestes “roteiros conceituais”; são fantasias dessubjetivadas.

O autor menciona quatro tipos de roteiros presentes nestas fantasias: de sedução, de castração, da cena primária e de retorno ao seio materno. Todos estes se referem a temas fundamentais da vida do sujeito: o primeiro remete à origem, ao aparecimento da sexualidade; o segundo a origem da diferença entre os sexos; o terceiro à própria origem do indivíduo e o quarto ao retorno às origens da existência. Desta forma, estas fantasias agem tal como os mitos coletivos, propondo explicações para estes enigmas fundamentais (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988a). Elas são, portanto, determinantes da história infantil. Acompanham todo o desenvolvimento do Édipo, desde a entrada da criança neste conflito até a superação do mesmo.

Portanto, para a teoria freudiana, a atividade fantasística consciente entra em cena durante o período de infância, já que seria insuportável o abandono da brincadeira sem uma atividade compensatória. As brincadeiras nunca são simplesmente erradicadas,

⁴ Em alemão, Urphantasien.

mas sim substituídas por outras, na forma de fantasias inconscientes, as quais perduram para o resto da vida das mais diversas maneiras. Elas atuam de acordo com a situação na qual estão inseridas, embora os adultos não manifestem suas fantasias espontaneamente por as considerarem motivo de vergonha. Um exemplo da presença das fantasias na vida adulta é, além dos sintomas histéricos já mencionados, o caso dos artistas, que liberam sua vida fantasística em suas obras.

A partir do artigo *Além do princípio do prazer*, a fantasia toma uma dimensão mais próxima da realidade na obra freudiana. Ela deixa de estar situada como uma atividade à parte da vida real, e passa a ser encarada de uma maneira não só atuante na realidade, como também necessária à vida cotidiana em nossa sociedade (FREUD, 1920/1969). Até então a fantasia estava relacionada apenas à pulsão sexual, particularmente com a satisfação desta pulsão. Depois dos anos 20 ela toma uma dimensão de pulsão de morte; está relacionada à pulsão como um todo. Isto já é anunciado em seu artigo fundamental de 1919: *Bate-se numa criança: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*, e é comprovado no famoso texto *O mal estar na civilização*, no qual Freud (1930/1969) se remete à atividade fantasística presente nas obras dos artistas como uma atividade necessária à tolerância da vida nesta sociedade em que vivemos, a qual demanda a abdicação de nossos prazeres.

1-3. b) *Melanie Klein e as fantasias inconscientes*

Em sua clínica, Klein (*apud* MEZAN, 2002) percebe que as crianças têm uma imagem de mãe dotada de uma imensa malvadeza, o que, na maioria das vezes, não corresponde à mãe real. Daí surge o conceito kleiniano de fantasia, a partir da hipótese de que as crianças estão lidando com uma deformação da mãe real, a qual é criada pelo

infante de modo fantasístico. Enquanto Freud enfatizou a energia sexual como elemento determinante no desenvolvimento infantil, Melanie Klein apoiou sua teoria na ênfase das fantasias inconscientes, presentes nas relações objetais primitivas. Embora o pai da psicanálise tenha desenvolvido este conceito, não utilizou as fantasias como ponto de enfoque ao desenvolver sua teoria, tal como fez Melanie Klein.

Devido à presença de uma agressividade inata, pertencente à posição na qual o bebê nasce – esquizo-paranóide – as crianças, em suas fantasias, atacam o corpo desta terrível mãe. Estes ataques, realizados através de fantasias persecutórias, acarretam, por sua vez, fantasias de reparação, devido ao medo de retaliação por parte dos objetos atacados. Estes sentimentos reparatórios tornam-se presentes em conformidade com a emergência da posição depressiva, a qual, por sua vez, possibilita uma percepção da mãe como ela realmente é.

Para Klein (*apud* RIVIERE, 1986a) as fantasias já existem como atividade psíquica antes de estar estabelecido o princípio de realidade, como uma base para o desenvolvimento do pensamento, correspondendo a imagens que a criança forma a partir dos primeiros objetos com os quais se relaciona (seio da mãe, pênis do pai):

À original atividade mental primária, que usualmente permanece inconsciente, damos o nome de ‘fantasia’ inconsciente. Existe, portanto, uma fantasia inconsciente subentendida em todos os pensamentos e em todos os atos (excetuando-se, provavelmente, um reflexo corporal) (RIVIERE, 1986a, p. 26).

De acordo com a teorização kleiniana e de suas seguidoras – Heimann (1986), Isaacs (1986) e Segal (1966) – as fantasias são inatas, uma vez que são as representantes dos instintos⁵, os quais agem na vida desde o nascimento. Elas apresentam componentes

⁵ Termo utilizado pela escola kleiniana, como sinônimo de pulsão, para designar o elo existente entre as origens biológicas do indivíduo e seu desenvolvimento psicológico (HINSHELWOOD, 1992). A teorização freudiana optou pelo termo pulsão (em alemão, *Trieb*) para se referir a este conceito,

somáticos e psíquicos, dando origem a processos pré-conscientes e conscientes. Pode-se concluir que as fantasias correspondem à forma de funcionamento mental primária, de extrema importância neste período inicial da vida.

A matriz da fantasia inconsciente está na percepção sensorial; embora pertença ao mundo interior ela determina a atitude da criança em relação a todos os objetos exteriores. Está relacionada à formação do ego e do superego, exercendo, antes de estabelecido o princípio de realidade, o pensamento (HEIMANN, 1986). É importante ressaltar que, assim como as fantasias, estes mecanismos introjetivos e projetivos persistem por toda a vida, acompanhando a formação da personalidade através da conexão dos arredores com o mundo interior.

Desta forma, as fantasias continuam presentes durante a vida adulta, tanto em mentes normais como nas neuróticas – embora não funcionem da mesma maneira em diferentes tipos de estrutura mental. Conforme é atingida a maturidade psíquica, a fantasia passa a operar de forma mais distinta da realidade, embora fantasia e realidade nunca sejam independentes. A questão colocada para a escola kleiniana é determinar até que ponto fantasia e realidade estão interligadas (BENVENUTO, 2001).

Contudo, um momento de instabilidade pode provocar a invasão de fantasias primitivas – características da primeira infância – num sujeito adulto. É importante que o estudo das fantasias aconteça sempre levando em conta a cadeia evolutiva na qual o sujeito está imerso, já que elas são as representantes de todos os sentimentos que dominam a mente num determinado momento (ISAACS, 1986). Uma boa maneira de elucidação das fantasias inconscientes é a própria análise: a transferência dos pacientes é, em quase sua totalidade, composta por elas.

destacando a existência de um equivalente humano do instinto. Com esta opção, o pai da psicanálise resalta que os seres humanos vão além dos outros animais pela capacidade cognitiva.

As primeiras fantasias a se manifestarem estão vinculadas aos impulsos instintivos. Conforme o interesse da criança pelo mundo externo progride, elementos da realidade objetiva passam a compor o mundo fantasístico. Assim, pode-se afirmar que a fantasia conecta o mundo interno ao externo, no decorrer do desenvolvimento. Com o aparecimento dos estímulos visuais, a fantasia deixa de ser dependente dos órgãos dos sentidos para então formar uma imagem mental de seu conteúdo. O imaginário é a forma principal pela qual a teorização kleiniana estudou as fantasias. É importante ressaltar que o imaginário da teorização kleiniana se refere à atividade imaginativa, e não corresponde à instância imaginária desenvolvida por Lacan, mencionada anteriormente.

É possível a distinção entre dois conceitos de fantasia: *phantasy*, com *ph*, a qual corresponde à atividade de fantasia inconsciente; e *fantasy* com *f*, a qual corresponde à atividade consciente (ISAACS, 1986) – embora isto seja contraditório com a teoria de Freud, já que, para ele, o conceito de fantasia é um só, abarcando a atividade tanto consciente quanto inconsciente. Para Isaacs (1986), a fantasia é a representante mental do instinto e expressa a realidade de sua fonte, interna e subjetiva, embora esteja ligada à realidade objetiva. Ela se transforma de acordo com o desenvolvimento, no decorrer das experiências corporais, sendo ampliada e elaborada, influenciando e sendo influenciada pelo ego em maturação.

Klein (1963) distingue as fantasias inconscientes dos sonhos diurnos, devido à maior profundidade inconsciente em que operam as primeiras. Elas são mais elaboradas e estão sempre presentes durante toda a vida, referindo-se a mais variada gama de atividade possível. Assim como o pai da psicanálise, a autora austríaca ressalta a importância da atividade fantasística dos adultos em atividades como o trabalho

artístico, dentre outros trabalhos construtivos. A mente adulta é construída por meio das fantasias inconscientes, desde os primeiros dias de vida.

Segundo Riviere (1986b), outra seguidora de Melanie Klein, a vida de fantasia do indivíduo pode ser entendida como “a forma como suas sensações e percepções reais, internas e externas, são interpretadas e representadas para ele próprio, em sua mente, sob a influência do princípio de prazer-dor” (RIVIERE, 1986b, p. 52-53).

A autora ainda diz que a vida de fantasia nunca é apenas fantasia, mas sim uma mistura das realidades externa e interna, por meio de percepções e interpretações. Algumas funções da fantasia ressaltadas nesse artigo são: assegurar a divisão entre os objetos bons e maus, realizada na vida primitiva dentro da posição esquizo-paranóide e manter um refúgio da realidade. Isaacs (1986) resalta ainda outras funções como a realização de desejos, a negação, a renovação da segurança, o controle onipotente e a reparação.

1-3. c) *A vida fantasística na teorização lacaniana*

A fantasia é trabalhada como um objeto essencial na obra lacaniana, retomada da teoria freudiana (ROUDINESCO; PLON, 1998). Partindo do famoso artigo de Freud (1919/1969): *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*, a fantasia é estudada por Lacan nas dimensões imaginária, simbólica e real. Lacan desenvolve um matema, $(\exists \leftrightarrow \alpha)$ representante da estrutura simbólica da fantasia, o que mostra seu modo de fazer da psicanálise uma ciência exata. O autor não deixa de considerar as reflexões realizadas por Melanie Klein, embora afirme que, uma vez produzidas as fantasias, elas estão relacionadas à dimensão simbólica.

Para Miller (1984), genro e seguidor de Lacan, a fantasia entra em cena no momento em que é pressentido o desejo do Outro⁶, correspondendo ao recalque originário. Encontra-se na articulação entre o gozo⁷ e o prazer – pode-se dizer que ela permite ao gozo transformar-se em prazer – vinculada a uma relação com o objeto, tal como a expressa na fórmula elaborada por Lacan a respeito da fantasia fundamental. Está relacionada tanto ao desejo do Outro quanto a uma falta no campo do significante, decorrente da ausência de conhecimento sobre este desejo.

O valor da psicanálise advém do fato dela operar sobre a fantasia⁸. Isto é demonstrado por esta doutrina haver nascido com a percepção da fantasia inconsciente por Freud. A partir de então, ele pôde trabalhar com a fantasia como um mediador do sujeito com o real, já que esta é algo que realmente existe, embora muitas vezes não se passe na realidade.

Lacan eleva a fantasia a um ponto de extrema relevância quando defende a existência de uma fantasia fundamental, ou seja, a hipótese de que a fantasia está presente na própria constituição do sujeito. Sua fórmula matemática, $\bar{\$}$ (sujeito barrado) $\langle \rangle \alpha$ (objeto do desejo) significa que o sujeito está o tempo todo em busca do seu objeto de desejo, questionando-se acerca do que falta ao Outro, de qual é o desejo deste, já que o desejo é o desejo do Outro.

O símbolo “ $\bar{\$}$ ”, que significa o sujeito barrado em sua atividade, corresponde ao pólo inconsciente da fantasia, enquanto o α , que significa o objeto do desejo, corresponde ao pólo da pulsão. Já o símbolo “ $\langle \rangle$ ”, o qual ilustra o movimento do sujeito

⁶ Termo utilizado por Lacan para designar um lugar simbólico que determina o sujeito em sua relação com o desejo (ROUDINESCO; PLON, 1998).

⁷ O conceito de gozo implica uma transgressão à lei. Pode ser entendido como uma tentativa de ultrapassar os limites do princípio do prazer (ROUDINESCO; PLON, 1998).

⁸ Informação fornecida por Marco Antonio Coutinho Jorge na conferência “A fantasia de Freud a Lacan”, realizada no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina em Setembro de 2007.

em direção ao objeto do desejo, representa o lugar do desejo, cuja falta é o que sustenta toda a estrutura da fantasia. Neste sentido, dentro da teoria lacaniana, desejo pode ser entendido como sinônimo de falta, já que o desejo é o desejo do Outro e o sujeito humano vive justamente em uma busca constante de descobri-lo.

Para o autor francês, a fantasia entra em cena no momento do recalque originário; ou seja, quando a metáfora do Nome-do-pai (Não-do-pai) aparece na vida da criança, impedindo-a de permanecer no estado de vinculação total à mãe. A quebra desta relação simbiótica efetuada pelo pai impede a criança de desfrutar da Coisa⁹, do gozo absoluto. Desta forma, a fantasia, ao impedir o gozo total, permite à criança outra forma de gozo, dando-lhe em troca o gozo fálico¹⁰. Assim, é possível pensá-la como um escape à pulsão de morte¹¹, já que situa o sujeito no mundo real, ao impedir o gozo total; ela faz uma espécie de ponte ente o inconsciente e a realidade. A fantasia começa, desta maneira, a reger o princípio do prazer¹². Contudo, ela não é capaz de dominar a pulsão de morte por completo; uma parte permanece livre no inconsciente, dando origem ao mais além do princípio do prazer.

⁹ A Coisa é, para o discurso psicanalítico, um “objeto absoluto” inatingível. Lacan diz que a Coisa é o real do qual o significante padece. O encontro com o real envolve essa Coisa impossível de dizer e de delinear. A pulsão de morte se exerce como uma tendência a querer encontrar a Coisa através da repetição (KAUFMANN, 1996).

¹⁰ Gozo parcial, de origem sexual. É um gozo limitado, já que está submetido à ameaça da castração.

¹¹ Representada pelo gozo total, impossível de ser alcançado.

¹² Princípio que rege o funcionamento psíquico, junto ao princípio de realidade. Enquanto o primeiro tem por objetivo proporcionar prazer e evitar o desprazer, o segundo lhe impõe as restrições necessárias para a adaptação à realidade (ROUDINESCO; PLON, 1998).

2. Principais aspectos da fantasia em Melanie Klein e em Lacan: diferenças e semelhanças

2-1. A natureza da fantasia

Além de Melanie Klein – que privilegia a realidade psíquica na análise – haver trabalhado a fantasia como o principal lugar de intervenção do analista, Lacan trabalha este conceito como um objeto essencial em sua obra (ROUDINESCO; PLON, 1998). Ambos os autores tratam desta questão de maneira essencial tanto em suas obras quanto na prática de análise, o que será comprovado ao longo deste trabalho, embora não trabalhem esta temática com o mesmo enfoque.

2-1. a) A natureza da fantasia para a teorização lacaniana

Lacan (2003) em *Alocução sobre as psicoses da criança* - texto publicado nos “Outros escritos” – anuncia que “o valor da psicanálise está em operar sobre a fantasia” (LACAN, 2003, p. 364).

O autor avança na conceituação de fantasia a partir das obras de Freud, analisando-as, principalmente, em sua dimensão simbólica. Ele defende a existência de uma *fantasia fundamental*, ou seja, a idéia de que todas as manifestações fantasísticas apresentam a mesma estrutura, a qual está na própria origem do sujeito e é determinada por seu axioma.

Para Lacan (*apud* JORGE, 2003), a fantasia entra em cena no momento do recalque originário, momento em que a metáfora do Nome-do-pai passa a operar na vida da criança inserindo-a no mundo simbólico, mundo da linguagem. Este recalque

instaura, desta maneira, o simbólico no inconsciente e na pulsão. A partir de então, a criança é proibida de desfrutar do gozo absoluto, denominado por Lacan de “A Coisa”, ou, na linguagem freudiana, a pulsão de morte, a pulsão de busca ao prazer infinito. Contudo, a entrada da fantasia, por sua vez, permite à criança desfrutar de uma outra forma de gozo, o gozo fálico, ou gozo parcial, já que está relacionado ao prazer sexual (JORGE, 2005). A pulsão, que é dominada essencialmente pela pulsão de morte, com a entrada do sujeito no mundo da linguagem passa a ter duas dimensões: a pulsão sexual, regida pela vida de fantasia, ou seja, pelo princípio de prazer; e a pulsão de morte propriamente dita, a qual Freud denominou de “mais além do princípio de prazer”.

Uma vez que a fantasia entra em cena como um substituto ao gozo que a criança perdeu, pode-se defini-la como uma formação psíquica que complementa esta ausência de gozo, ou seja, toda fantasia é fantasia de completude (JORGE, 2006b). No caso da fantasia neurótica, trata-se de uma completude amorosa, já que o neurótico procura resgatar o gozo perdido através do amor. Por outro lado, o sujeito perverso tem uma necessidade de completude do gozo perdido; sua fantasia pode ser definida como de completude de gozo.

Através da fantasia o sujeito busca a satisfação da pulsão, da parte desta que se encontra submetida ao princípio do prazer, ou seja, da satisfação da pulsão de morte sexualizada (JORGE, 2006a). É importante ressaltar a diferença que o conceito de pulsão de morte tem para as teorias lacaniana e kleiniana: enquanto para esta a pulsão de morte está relacionada à agressividade, que para a autora é inata em todo ser humano, para Lacan a pulsão de morte é a essência de qualquer pulsão, uma vez que, mesmo que a pulsão seja sexual, o que ela deseja obter é sempre algo da ordem do impossível, que remete ao gozo absoluto, característico da pulsão de morte.

Relembrando as três instâncias psíquicas definidas por Lacan – imaginário, simbólico e real – a fantasia entra em cena fazendo a articulação entre a dimensão simbólica, dimensão mais enfatizada por Lacan, referente à entrada do pai, o qual faz a inserção da criança no mundo da linguagem; e a dimensão real, por meio da dimensão imaginária. Logo que vem ao mundo a criança entra em contato com o simbólico, imposto pelo significante materno. A genitora, por sua vez, entra em contato com um objeto supostamente capaz de ser o seu “objeto fálico”, ou seja, supostamente capaz de lhe satisfazer todos os seus desejos. A criança vive então em uma constante tentativa de desvendar qual é o desejo de sua mãe, e, por conseguinte, vive imaginando objetos que sejam capazes de satisfazê-lo. Contudo, este desejo nunca poderá ser atendido, já que é pertencente à esfera do impossível, representada pela dimensão real.

A fantasia para Lacan, em outras palavras, é aquilo que nos aparece outorgado pelo Outro, indicando aquilo que falta. Por isso sua fórmula pode ser definida da seguinte maneira: $(\exists \langle \rangle \emptyset)$, que significa sujeito barrado em busca do objeto faltoso. Para a teorização lacaniana a fantasia emana do que falta ao sujeito, está vinculada a falta do objeto de desejo, já que o sujeito está permanentemente em busca do seu objeto perdido. Assim, para o autor a fantasia é algo adquirido após o nascimento, e sua aparição está relacionada à identificação e à angústia (LACAN, 1961-1962), uma vez que ela aparece no momento em que o objeto real não pode ser apreendido em sua forma original. Desta forma, esta apreensão ocorre de maneira fantasística, ou seja, a angústia aparece quando toda a identificação possível do eu se dissolve.

2-1. b) *A natureza da fantasia kleiniana*

Melanie Klein, por sua vez, também partindo de obras freudianas, toma como principal ponto de enfoque das fantasias sua dimensão imaginária. Para a autora, a atividade fantasística está presente na vida desde o nascimento – embora as fantasias primitivas sejam processos altamente desconexos, instáveis e contraditórios. Qualquer estímulo sentido pela criança é um potencial eliciador de fantasias, tanto os agressivos – os quais acarretam fantasias agressivas – quanto os prazerosos – os quais, por sua vez, são causadores de fantasias calcadas no prazer.

Durante os primeiros meses de vida, o bebê age basicamente em função de suas fantasias inconscientes; pode-se dizer que estas determinam toda a vida da criança neste período. A percepção da realidade ainda está se formando, o bebê é completamente dependente da mãe enquanto forma seu ego.

O primeiro alvo das fantasias da criança é o corpo da mãe, já que ela é o principal objeto com o qual a criança se relaciona em seus primeiros dias de vida. As fantasias acerca da exploração do corpo materno são de extrema importância para a descoberta da criança em relação ao mundo. A pulsão de exploração, fundamental para os trabalhos artísticos e científicos, tem sua base nestas fantasias (KLEIN, 1996).

Inicialmente, as fantasias agressivas, baseadas em sentimentos destrutivos, estão ligadas ao ato de sugar, o que pode ser comprovado através da voracidade da criança em sua mamada. Mesmo nos casos em que o leite está disponível em abundância, a criança voraz suga-o desesperadamente. Conforme os dentes da criança aparecem, estas fantasias destrutivas irão tomar a forma de morder e mastigar o objeto (KLEIN, 1996). É importante ressaltar que estas fantasias, embora façam parte do mundo imaginário, para a criança são sentidas como se realmente estivessem ocorrendo. O bebê sente como

se estivesse realmente mordendo, destruindo o seio, uma vez que ainda não é capaz de uma nítida distinção entre o que é pertencente ao mundo real e o que pertence ao imaginário.

A fantasia primitiva, portanto, é a representação dos impulsos e sentimentos; como desejos, mágoas, ressentimentos, amores, angústias, etc. Este conjunto está sempre associado à energia libidinal depositada em certa parte do corpo (ISAACS, 1986). Por exemplo, quando a criança está longe da mãe e deseja o seu seio pode fantasiar que está mamando chupando o dedo, ou algum outro objeto.

O funcionamento inicial da criança é através da vida de fantasia, a qual, progressivamente, através das relações objetais, cederá lugar às emoções mais complexas e aos processos cognitivos. Pode-se dizer que a criança de tenra idade complementa a lógica pela vida fantasística, na qual estão sempre presentes tanto fatores biológicos quanto ambientais, os quais determinam que as fantasias, embora obedçam a certos padrões, sejam infinitamente variáveis. A vida de fantasia é, portanto: “o terreno donde jorram a mente e a personalidade individuais” (KLEIN, 1986c, p. 284).

Através da liberação da vida fantasística, a criança não apenas expõe seus sentimentos prazerosos a respeito de seus desejos, como também todos os difíceis processos que perpassam sua vida, tais como o complexo de Édipo, suas angústias, ansiedades, conteúdos sexuais (os quais são expressos através das fantasias masturbatórias), etc.

Esta liberação ocorre, principalmente, através da atividade lúdica, uma vez que esta é a principal realização da criança pequena; ela ainda não expressa seus sentimentos e desejos subjetivos por meio de palavras. Desta forma, é preciso estimular a brincadeira das crianças, já que dando rédea solta ao brincar ela está,

conseqüentemente, liberando suas fantasias inconscientes. Estas brincadeiras podem ser de qualquer tipo: desenhos, jogos, bolas, bonecas, brinquedos, etc.

É importante ressaltar que a fantasia kleiniana está sempre vinculada à presença do objeto de desejo, sendo a representante do instinto. Por exemplo, um bebê faminto pode ter fantasias nas quais se imagina mamando num seio capaz de lhe proporcionar uma satisfação infinita; porém, quando tomado por fantasias hostis, ele pode se sentir perseguido por este mesmo seio, agora temido. Contudo, é importante ressaltar que fantasias inconscientes, para ela, são diferentes de sonhos diurnos, na medida em que as primeiras atuam em níveis profundos do inconsciente e acompanham todos os impulsos vividos, tanto os agradáveis quanto os desagradáveis.

2-2. A atividade fantasística: suas funções

De acordo com a teorização kleiniana, as principais atividades que podemos concluir como sendo as funções da fantasia são: a realização de desejos; a negação de fatos dolorosos; a segurança em relação aos fatos aterrorizadores do mundo externo (embora ilusória); o controle onipotente – já que a criança, em fantasia, não apenas deseja um evento como realmente acredita fazer com que ele aconteça; a reparação, dentre outras.

Já para a teorização lacaniana, a fantasia tem sua importância neste bloqueio que provoca em relação ao desfrute do gozo total, ou seja, no impedimento do sujeito de desfrutar da satisfação absoluta, inexistente no mundo real (JORGE, 2003, 2005). Ela permanece então como a única possibilidade de prazer que o sujeito pode usufruir, ao instaurar o gozo fálico; e ainda age fazendo uma espécie de mediação entre o sujeito e o real, fazendo aquele ir de encontro à realidade (JORGE, 2006b, 2007c).

A fantasia, então, ao “sexualizar” a pulsão de morte, permite o aparecimento da pulsão sexual, a qual também é denominada de *pulsão de vida*. Podemos concluir que a função principal da fantasia, para a teorização lacaniana, é fazer esta ponte, este laço do sujeito com a realidade, impedindo o desfrute do gozo total, pertencente à ordem do irreal.

2-3. *As relações objetais*

De acordo com Klein (*apud* LEADER, 2001), a fantasia pode ser considerada uma estrutura através da qual o sujeito se relaciona com os objetos exteriores. Durante o período inicial da vida, a mente infantil funciona basicamente através de fantasia inconsciente, a qual complementa o pensamento racional enquanto este não estiver desenvolvido. Este funcionamento mental provoca ansiedades e angústias diversas, as quais estão relacionadas ao caráter destas fantasias primitivas, dotadas de conteúdos delirantes (RIVIERE, 1986a). Como exemplo, podem ser mencionadas as fantasias da criança de que o objeto externo – seio, nos primeiros meses de vida – é mau e persecutório, já que não a gratifica sempre que ela deseja. Esta frustração, por sua vez, acarreta explosões agressivas por parte da criança, pois ela precisa se vingar deste seio ruim. Para realizar esta vingança, o infante utiliza todas as armas disponíveis, tais como os dentes, unhas, e até mesmo excreções. O controle dos esfínteres que, concomitantemente, está ocorrendo neste período, é usado também para o controle dos excrementos nos ataques à mãe. A criança sente como se estivesse expelindo um objeto perigoso de seu mundo interno e projetando-o no objeto externo.

Concomitantemente, também existe a imagem de um seio bom, o qual atende às necessidades da criança. Esta divisão do seio é necessária para a proteção deste seio

bom, pois, desta forma, todos os ataques agressivos são dirigidos ao seio mau, preservando aquele. O seio mau é então sentido, nas fantasias infantis, como se estivesse dilacerado, aos pedaços, reduzido a fragmentos; enquanto o bom permanece íntegro.

Existem basicamente dois principais tipos de ataque ao corpo da mãe no início da vida: o primeiro é representado pela vontade de eliminar de dentro deste corpo tudo o que nele existe de bom, o qual está associado à avidez e à voracidade do primitivo estágio oral. Desta forma, torna-se possível à criança retirar toda a bondade da mãe e introjetá-la. O segundo, associado ao estágio anal, é representado por fantasias de atacar o corpo da mãe, principalmente por meio de excrementos, e enchê-lo de substâncias ruins. Aqui o principal mecanismo envolvido é a projeção de tudo o que a criança associa como mal no corpo materno. Juntamente a estes excrementos, aspectos destacados do ego também são projetados na mãe, com objetivo não apenas de aniquilá-la, mas também de tê-la para si, tomar posse da mesma.

A capacidade de elaboração destas fantasias sádicas primordiais em direção ao corpo materno é essencial nas posteriores relações com novos objetos e para a adaptação à realidade em geral (KLEIN, 1996). Da mesma maneira que a projeção de bons sentimentos na mãe é necessária nas relações objetais – para o posterior desenvolvimento de integração do objeto e do ego – a projeção de aspectos ruins, por sua vez, prejudica as relações objetais, a percepção do próprio corpo e do corpo externo de forma íntegra e o desenvolvimento genital.

Estes conteúdos vão sendo elaborados, no decorrer do desenvolvimento, por meio de um difícil processo que envolve muito esforço e sofrimento. Contudo, se o caráter delirante da atividade fantasística inicial não puder ser elaborado, ele permanece atuando no pensamento das crianças mais velhas, em adolescentes e até em adultos,

mesclado ao pensamento racional, de maneira que a distinção entre fantasia e realidade torna-se impossível.

2-3. a) *A introjeção e a projeção*

Para a teorização kleiniana, a vida fantasística auxilia o sujeito na formação da impressão de seu mundo externo e interno, através dos processos de introjeção e projeção (KLEIN, 1963, 1986a). Estes mecanismos são os determinantes do estabelecimento dos objetos bons e maus dentro do ego da criança. Eles atuam de diversas maneiras, baseados nos impulsos instintivos, e são determinantes na formação do ego e superego, ou seja, na construção da personalidade (HEIMANN, 1986). Portanto, esta formação ocorre no período em que as fantasias determinam a relação do sujeito para com seu mundo externo, fazendo com que os conceitos iniciais sobre os pais formem-se de maneira distorcida. Durante toda a vida, a introjeção e projeção continuam presentes nos processos de adaptação do sujeito, em seus progressos e derrotas. Ambas têm suas origens nos instintos orais (o engolir e o cuspir), a partir dos quais as relações maduras vão se desenvolver com as ações de dar e receber, a função de procriação e a criatividade.

A introjeção corresponde ao mecanismo primitivo do bebê de introjetar todos os objetos – começando pelo seio materno, seguido pelo polegar, por brinquedos, etc. A este seio é atribuído poderes sobrenaturais de onipotência tanto para o bem quanto para o mal, já que ele é capaz tanto de uma gratificação infinita, quanto de uma frustração imensa (quando não satisfaz a criança no momento que ela deseja). Quando o seio é visto como gratificador todos os sentimentos bons são associados a ele; da mesma forma, quando é visto como mau é o depositário de todos os sentimentos destrutivos.

Aos posteriores objetos que também são sugados pela criança são atribuídos os mesmos poderes do seio, uma vez que, em suas fantasias imaginativas, estes objetos o substituem. O mecanismo de introjeção é reforçado pela fantasia de que o objeto introjetado irá permanecer seguro dentro do ego.

Pode-se dizer, então, que a criança tende a incorporar os objetos que estão a sua volta, e realmente sente como se estes objetos introjetados estivessem dentro dela. A introjeção começa no estágio de objetos parciais e expressa os interesses da criança pelo mundo exterior, já que ela não introjeta todas as percepções. Os objetos que foram introjetados preparam o caminho para as relações com os objetos externos, ao passo que estes fornecem modelos a partir dos quais o objeto interno é construído. Assim, o objeto interno funciona como um núcleo para a construção das posteriores relações objetais. A partir de suas experiências, o ego introjeta objetos externos com os quais se identifica, e projeta o que não se identifica em outros objetos do mundo exterior.

A mamada do bebê é um importante exemplo de uma atividade introjetiva: o ato de mamar não ocorre apenas pela finalidade de amamentação; diversas fantasias estão imbricadas neste processo, as quais determinam a supervalorização ativa da introjeção tanto do leite quanto do seio da mãe, os quais são fontes de intensa gratificação. Desta forma, todas as posteriores fontes de gratificação são internalizadas, através das fantasias introjetivas (RIVIERE, 1986b).

Já a projeção tem sua origem nas identificações com os objetos do mundo exterior que a criança de tenra idade realiza em suas fantasias. Como ela ainda não estabeleceu a distinção entre o seu corpo e o corpo de sua mãe, ela percebe este como um prolongamento de sua pessoa. A genitora passa a ser, desta forma, a representante de seu ego, o que justifica que falemos em uma identificação projetiva. Na projeção encontram-se mecanismos que eram tanto, originalmente, do mundo interior quanto

outros que eram do mundo exterior. Como exemplo de fantasias projetivas podem ser mencionados os ataques realizados pela criança através de seus excrementos, entendidos como armas perigosas, para com o objeto externo persecutório – seio da mãe, nos primeiros meses de vida.

Em suma, através dos mecanismos de introjeção e projeção a criança constrói seu mundo interno, sua personalidade, por meio da elaboração das fantasias introjetivas e projetivas. Elas são fundamentais para o desenvolvimento emocional e cognitivo, em todas as construções vitais. É imprescindível ressaltar que esses mecanismos não podem ser entendidos como duas entidades separadas, mas sim como um todo, ambos constituem uma experiência única.

Portanto, pode-se concluir, de acordo com a teorização kleiniana, que a potência das fantasias primitivas tem uma dupla função: tanto proteger as coisas boas e obter gratificação das mesmas, como também aniquilar e destruir as más. Assim que ego sente que pode ter causado danos a objetos externos gratificadores, ele utiliza suas fantasias em sua potência construtiva. A fantasia pode, então, ser utilizada como um refúgio da realidade dura e penosa que se apresenta no início da vida, preservando os bons objetos.

2.4. A fantasia e o desejo

2-4. a) A fantasia como suporte do desejo para Lacan

Fantasia e desejo sempre caminham entrelaçados. Pode-se dizer que a fantasia emerge a partir do desejo de conhecimento a respeito do desejo da mãe. A fantasia existe desde que seja estabelecida a capacidade para a manutenção deste desejo, o que

depende da elaboração da fórmula que a sustenta ($\exists \langle \alpha \rangle$) (LEADER, 2001), a qual será construída justamente a partir do encontro com o desejo da mãe.

A fantasia é o que transforma o gozo em prazer, através do recalque originário, tornando o prazer apropriado ao desejo; ela se estabelece no esvaecimento do sujeito, trazendo o desejo como seu agente, pedindo que se coloque em dia com seus desejos. Mas, ao mesmo tempo, é a própria fantasia que fornece as coordenadas do desejo, isto é, cria o contexto que permite desejar.

No seminário VII, Lacan (1991) define a fantasia como o suporte do desejo: “é na formação imaginária, muito especialmente aquela a propósito da qual a fórmula da fantasia (\exists desejo de α) nos servirá que é a forma na qual o desejo do sujeito se apóia” (LACAN, 1991, p. 126).

A fantasia fundamental se constrói a partir do limite do enigma insustentável a respeito do desejo do Outro, trazendo consigo a contradição concernente de que além de suporte do desejo é uma defesa contra o desejo do Outro. Ou seja, ao mesmo tempo em que a fantasia é o alicerce do desejo ela se constrói a partir do mesmo, já que vem recobrir a angústia suscitada pela vontade de conhecimento deste desejo. Na cena fantasística o desejo não é preenchido, satisfeito, mas constituído; o que quer dizer que os objetos do desejo são indicados pela própria fantasia (LACAN, *apud* TOLEDO, 2003).

De acordo com Jorge (2003), o desejo é uma pulsão que foi delineada por uma determinada fantasia, o que significa que todo desejo tem seu suporte numa fantasia inconsciente, ou, em outras palavras, *a fantasia é o suporte do desejo*. Desta forma, há uma relação entre a fantasia e o sonho, na medida em que, enquanto a primeira é o suporte do desejo o segundo é a realização de um desejo.

De acordo com Lacan (1988), as profantasias desenvolvidas pela teorização freudiana têm a função de organizar o desejo humano, na medida em que o desejo introduz a fantasia como seu suporte. Lacan (1966-1967) afirma que esta relação terá suas características próprias de acordo com a estrutura psíquica do sujeito: na fobia a fantasia sustenta o desejo prevenido, na histeria o desejo insatisfeito e na neurose obsessiva o desejo impossível. Em cada uma dessas estruturas é preciso encontrar o desejo subjacente, a partir da elaboração dos discursos inconscientes, para que daí a fantasia possa ser desvendada.

Portanto, a fantasia, para Lacan, representada na fórmula ($\exists \leftrightarrow \alpha$), pode ser entendida como o correspondente e o suporte do desejo. Na medida em que ela emerge com a vontade do sujeito de ser o objeto de desejo de sua mãe, faz com que ele entre em uma busca constante de descobrir qual é este desejo.

2-4. b) *A fantasia como realização do desejo para Klein*

Já para Melanie Klein, a fantasia pode ser entendida como a atividade que, em decorrência da ausência de plasticidade e representações verbais na criança pequena, realiza, em ação, o seu desejo, o que é acompanhado por reais excitações físicas nos órgãos utilizados para isto. A relação entre a fantasia e a realização de um desejo sempre foi enfatizada pela teorização kleiniana (ISAACS, 1986). Esta relação pode ser vista na vinculação que a autora realiza entre a fantasia e o princípio do prazer. A imaginação relativa a tudo o que é belo e prazeroso é desenvolvida nos desejos e fantasias.

No início da vida, o princípio do prazer reina em absoluto na mente da criança. A partir do momento em que ela se torna capaz de estabelecer uma relação entre seus

desejos e fantasias e o mundo real, é estabelecido, então, o princípio de realidade. O sentimento de onipotência, oriundo dos impulsos do id de tudo desejar a qualquer tempo e circunstância, perde força para a entrada do compromisso com a realidade, a qual impõe restrições a certos desejos e fantasias. Desta forma, tudo o que é prazeroso, mesmo que seja fantasiado, passa a estar vinculado ao princípio do prazer, ao passo que o que está relacionado ao pensamento racional, concreto, passa a estar vinculado ao princípio de realidade.

2.5. O significante fantasístico trabalhado por Lacan

O que define a fantasia é a referência do sujeito como falante ao Outro imaginário, um imaginário tomado em função do significante (LACAN, 1958-1959). É nela que o sujeito mantém sua existência, o apoio que lhe permite permanecer sendo um sujeito que fala. O sujeito anuncia em sua fantasia que, enquanto em presença do Outro, ele não é nada como pessoa.

2.5. a) A fórmula matemática da fantasia lacaniana

Lacan utiliza o termo *fantasma* para referir-se à *fantasia* enquanto representada por sua fórmula matemática, ou seja, o *fantasma* representa a *fantasia* enquanto articulada por uma estrutura lógica. No entanto, optei por utilizar somente o termo *fantasia* em meu trabalho, devido ao fato de ele ser consagrado desde a psicanálise pré-lacaniana, principalmente na teorização kleiniana.

Os matemas são fórmulas simbólicas, tais como as fórmulas matemáticas, criadas por Jacques Lacan para explicar algum fenômeno psíquico, tal como a fantasia. À semelhança desta, ocupam um lugar, na teoria psicanalítica, entre a dimensão

simbólica e a real (JORGE, 2002). São formas particulares de escrita, na medida em que intermedeiam a inserção do simbólico no real. “É uma escrita que pede a fala” (JORGE, 2007c, p. 139). Através desta linguagem, Lacan expressou diversos fenômenos constatados em sua clínica; pode-se dizer que ele transformou em símbolos escritos o que escutava.

No seminário V – “Formações do inconsciente” - Lacan (1999) introduz o axioma da fantasia: $(\exists \langle \alpha \rangle)$ lida pelo autor como “sujeito barrado desejo de objeto faltoso” (JORGE, 2007c, p. 142). Para Lacan, a presença de um desejo pressupõe a existência de uma falta. A fantasia constitui-se justamente no desejo de recuperar esta falta, de recuperar aquele objeto que foi perdido.

Esta estrutura fundamental, impossível de sofrer reciprocidade, está presente nas fantasias de todos os sujeitos em qualquer idade. É neste matema que o sujeito mantém sua existência como um ser falante, através de sua fantasia (LACAN, 1958-1959).

O objeto da fantasia (α) é um substituto ao que o sujeito está privado simbolicamente – o gozo total. Ele impede a possibilidade de permanência atrelada a sua mãe. De acordo com Jorge (2003), este objeto α está imerso nas três instâncias psíquicas postuladas por Lacan: simbólico, real e imaginário. As instâncias imaginária e simbólica são constituídas justamente a partir da relação do sujeito com a fantasia inconsciente: o sujeito se liga ao objeto do desejo, objeto da fantasia, a partir de algum tipo de imagem mental ou de uma palavra, na ausência daquela.

Já o sujeito barrado (\exists) representa o sujeito enquanto influenciado pelo significante, em uma espécie de relação imaginária com o objeto de desejo, quando o Nome-do-pai já entrou na relação mãe-bebê desfazendo a célula narcísica (LACAN, 1958-1959). Ele é o sujeito barrado, dividido pela entrada da linguagem em sua vida. A fantasia constitui-se nesse contínuo enfrentamento do sujeito a situar-se no âmbito do

Outro, enquanto sujeito do inconsciente. Os objetos privilegiados do desejo inconsciente do sujeito são representações fantasísticas do que é o desejo do Outro. A partir disto, podemos concluir que a fantasia, para Lacan, encontra-se em sua totalidade ao lado do Outro (LACAN, 1962-1963).

O pólo do \exists representa o pólo inconsciente da fantasia, ou, em outras palavras, o pólo simbólico, já que *o inconsciente é estruturado como uma linguagem* para Lacan. Já o pólo do α pequeno representa o pólo da pulsão, também denominado de pólo real da fantasia (JORGE, 2006b). A pulsão pode ser definida como uma exigência, proveniente da energia sexual – a libido – de uma satisfação absoluta, imediata, ao passo que a fantasia vem a ser uma das possibilidades de se obter esta satisfação. Isto pode ser comprovado pelo fato da fantasia estar presente em nosso aparelho psíquico em todas as dimensões; desde os mais simples devaneios diurnos, até nas formações dos sonhos, inconscientes (JORGE, 2006a).

Do lado do pólo inconsciente está situada a dimensão do amor, e de tudo que o simboliza, tal como a religião. Esta nada mais é do que um discurso fantasístico com características particulares, que se aproxima de uma fantasia delirante, já que pretende distorcer o mundo real com promessas de uma vida plena depois da morte. Ao passo que do lado do pólo da pulsão reside a dimensão do gozo, e de tudo que pode ser traduzido como possível de proporcionar um prazer incomensurável. Isto é bem ilustrado com o exemplo do nosso próprio sistema econômico vigente, o sistema capitalista, o qual pressupõe que o dinheiro é o meio através do qual podemos usufruir de todos os bens.

A partir da entrada no mundo simbólico, no pólo do \exists ocorre uma perda de gozo, perda do pólo do α pequeno. Por isso, podemos afirmar que a fórmula da fantasia ($\exists \langle \alpha$) significa: *Sujeito em busca do objeto faltante*, ou seja, devido à perda do gozo,

o sujeito barrado, inscrito no mundo simbólico, permanece em uma busca infinita deste objeto capaz de proporcionar o gozo absoluto, supostamente fornecido pelo Outro.

Lacan explica o significado do losango presente nesta fórmula dizendo que este

Exprime a relação do sujeito – barrado ou não barrado, conforme o caso, isto é, conforme seja marcado pelo efeito do significante ou o consideremos simplesmente como um sujeito ainda indeterminado, não fendido pela *Spaltung* que resulta da ação do significante (LACAN, 1999, p. 451-452).

Este losango é o que realmente exprime a relação do sujeito com a fantasia: nem fixação no pólo do amor, nem fixação no pólo da pulsão, mas sim estabelecimento na dimensão que liga ambos os pólos: a dimensão do desejo (JORGE, 2006b). Além da fantasia, o trabalho artístico também pode ser mencionado como capaz de sustentar este lugar de desejo faltante, de busca eterna ao objeto do desejo.

Para Lacan, a fantasia, mais do que um resto do psiquismo imaginário infantil no inconsciente, está estruturada como uma linguagem – representada pela fórmula $(\exists \leftrightarrow \alpha)$ uma vez que é uma frase com estrutura gramatical, o que justifica que falemos em uma *lógica* da fantasia (LACAN, 1966-1967). Através desta lógica, cada sujeito se pergunta a respeito do que pode ser a realidade do inconsciente do Outro.

No seminário VIII, em *A angústia na sua relação com o desejo*, Lacan (1992) prossegue trabalhando a fórmula da fantasia. Ele afirma que o “ \exists ” tem relação com o *fading* do sujeito, ao passo que “ α ” que é o pequeno outro, tem a ver com o objeto do desejo” (LACAN, 1992, p. 349). Desta forma, o “ \exists ” é concebido como um lugar, já que não é nada apreensível, e o objeto “ α ” por sua vez, também não pode ser apreendido em nenhuma hipótese; ele permanece infinitamente gravitando entre as nossas fantasias. Para realizarmos nossos desejos, este objeto é trocado por qualquer outro que pertença a nossa realidade, já que o que vale é seu valor de utilidade.

Por meio da fórmula da fantasia é possível evidenciar que o sujeito se faz de instrumento do gozo do Outro (LACAN, 1998). A fantasia pode então ser entendida como uma busca eterna do sujeito ao encontro do significante que está no Outro, a situar-se no discurso deste. Ela é o objeto privilegiado do desejo inconsciente, propõe-se no ponto onde o sujeito situa-se para aceder à cadeia inconsciente.

Desta forma, a função da fantasia pode ser pensada como uma relação do sujeito com o significante, já que a entrada no mundo do desejo depende da relação do sujeito com a lei imposta por algo que existe mais-além da figura materna (a figura paterna, o Nome-do-pai). O desejo do sujeito tem de ser simbolizado, o que é feito com a ajuda do falo, o objeto de desejo da mãe. O pai entra nesta relação simbiótica entre o bebê e sua mãe, retirando daquele o gozo total. Porém, com a entrada da fantasia, ao bebê passa a ser permitido desfrutar do gozo fálico. Desta maneira, com a fantasia o sujeito é inserido no mundo simbólico, mundo da linguagem.

Sua fórmula mostra que existem duas coisas: por um lado, a presença de um objeto a e por outro uma frase, que gera o sujeito como sujeito barrado. Como exemplo, pode ser mencionado o texto de Freud (1919/1969). Neste, a fantasia *Uma criança é espancada* não é nada além da articulação significante representada pela frase: “uma criança é espancada”, a qual assume diferentes significados, conforme o momento em que se encontra.

2-5. b) *O significante explorado por Lacan em Bate-se em uma criança*

No texto *Bate-se numa criança e a jovem homossexual*, Lacan (1995) analisa minuciosamente o artigo de Freud (1919/1969): *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*, o qual é uma reflexão a respeito da fantasia referida no artigo: *Bate-se em uma criança*. Esta fantasia veio substituir uma série de outras, na perspectiva do desenvolvimento do sujeito, e ocupa uma dimensão retroativa, já que remete a mais profunda organização primitiva.

Freud (1919/1969) divide esta fantasia em três momentos, os quais são analisados por Lacan sob uma perspectiva simbólica: O primeiro momento pode ser traduzido pela frase: *Meu pai bate numa criança que é a criança que eu odeio*. É daí que decorre esta fantasia, cujo conteúdo consta de três personagens: a criança que fantasia (uma menina, ou, com menor frequência, um menino), o sujeito que é agredido (um irmão) e a figura que realiza a agressão (a figura paterna). O complexo de Édipo já está estabelecido, determinando a relação da menina com seu pai, o que inclui uma dimensão de medo para com este. Este momento representado por esta frase está relacionado ao aparecimento de irmãos, o que provoca na criança uma frustração decorrente do fato de que, a partir de então, a atenção dos pais terá de ser partilhada.

Já o segundo momento representa uma situação reduzida a dois personagens: agora a criança fantasia que é o pai quem realiza a agressão. É também indispensável para a compreensão da história do sujeito e pode ser sintetizado na frase: *Eu sou espancado por meu pai*. Este tempo representa uma etapa masoquista atravessada pelo sujeito; a dimensão do eu está fortemente acentuada aqui. É considerado tanto por Freud (1919/1969) como por Lacan (1995) de extrema importância, na medida em que representa a essência da fantasia perversa. No próprio ato de ser espancado encontra-se a transposição de um elemento carregado de erotismo.

Finalmente, o terceiro momento representa a fantasia fundamental, a qual é expressa pela frase dessubjetivada: *Bate-se em uma criança*. Aqui o sujeito volta para o lugar de expectador, como na primeira etapa, e se coloca na posição da terceira pessoa. Já o pai encontra-se vagamente presente como agressor, disfarçado nesta partícula *se*, permitindo sua substituição, já que não está identificado. A criança que é agredida, freqüentemente, não é apenas uma, mas sim várias; de onde vem a dessubjetivação desta relação.

Embora esta fantasia seja analisada por Lacan sob uma perspectiva simbólica, está inscrita na dimensão imaginária, marcada pela especularidade e reciprocidade entre o eu e o outro, mesmo que possa ser simbolicamente representada pelas frases mencionadas acima. Estamos diante de algo que fixa a lembrança neste instante, ou seja, a lembrança plena é reduzida ao instante que determina a fantasia, imóvel, carregada de todo o conteúdo erótico que a imobilizou. O autor afirma que a dimensão imaginária aparece toda vez que se trata de uma perversão.

Lacan (1999) prossegue esta análise no artigo *A fantasia para além do princípio do prazer*, no qual a dimensão simbólica da fantasia é novamente exposta, de maneira que ela simboliza o conteúdo imaginário fantasístico. Neste artigo, ele se remete à divisão realizada anteriormente – (LACAN, 1995) – em três partes da fantasia: *Bate-se em uma criança*. Ele afirma que ela está ligada a uma imensa carga de culpa, que por ser tão forte não permite que o sujeito a articule, senão através desta frase.

Primeiramente, esta fantasia se encontra na dimensão do pai, anterior ao Édipo, já que seus personagens são: a criança que fantasia – quase sempre uma menina – o pai e um irmãozinho ou irmãzinha; a mãe ainda não está presente. Seu significado é a ausência do amor paterno em relação ao Outro, onde reside o prazer do sujeito que fantasia.

Já em seu segundo momento encontra-se ligada ao Édipo: é a representação do desejo da menina pelo pai, o qual aparece nesta relação privilegiada para com ele, já que a situação está reduzida a dois personagens: a menina que fantasia e seu pai. Este desejo edipiano é sempre acompanhado de um forte sentimento de culpa, de onde vem a exigência de ela ter de ser espancada. É quando se origina a essência do masoquismo, e seu caráter muda de sentido, torna-se inconsciente.

O terceiro momento, enfim, encontra-se depois da saída do Édipo. O que resta da fantasia é um esquema geral; a figura do pai é reduzida a um personagem capaz de bater. Aqui os sujeitos multiplicam-se e se tornam indefinidos, evidenciando a relação com os pequenos outros¹³.

Desta maneira, a função terminal desta fantasia pode ser considerada como a manutenção de uma relação essencial da criança com o significante. Ela está situada na dimensão simbólica entre o pai e mãe, entre os quais a criança oscila.

2-6. A fantasia e as estruturas psíquicas subjacentes

2-6. a) As estruturas lacanianas

Embora na atividade fantasística o sujeito frequentemente passe despercebido – já que para Lacan a fantasia se encontra do lado do Outro, e surge como uma necessidade de decodificação do enigma deste – ele está sempre presente, mesmo em suas manifestações fantasísticas menos elaboradas. A fantasia será desenvolvida sempre em relação à estrutura mental do próprio sujeito que a manifesta.

¹³ Pequeno outro pode ser definido como o outro imaginário, ou lugar da alteridade especular (ROUDINESCO; PLON, 1998).

A partir da fórmula da fantasia é possível estabelecer um enquadre da realidade em que se encontra o sujeito: neurose, perversão ou psicose. Na primeira, o sujeito está inserido no pólo do inconsciente ($\bar{\exists}$) e a fantasia tem o papel de ponte para o sujeito com a realidade, já que lhe impede de ter acesso ao gozo total e em troca lhe permite desfrutar do gozo fálico. Na segunda, há uma fixação do sujeito no pólo da pulsão (\emptyset); o perverso precisa desfrutar do gozo completo até o momento em que sente solidão por estar desconectado do mundo exterior. Portanto, sua ligação com a realidade ocorre de maneira falha. Na terceira, há uma ausência de capacidade de vinculação à realidade: a fantasia do psicótico não estabelece nenhum tipo de ponte entre a realidade e a pulsão, fazendo com que a pulsão de morte opere livre do princípio de realidade.

O sujeito neurótico é vítima da amnésia infantil; ele não se recorda do trauma ocorrido em sua infância, mas sua estrutura edípica está presente em seu sintoma (QUINET, 2005). Ele identifica a falta do outro como sua demanda, sua fantasia fundamental esconde sua indecisão característica. Esta indecisão denota o neurótico como sujeito dividido entre o sim e o não.

A significação da vida fantasística está representada, para os neuróticos, como algo enclausurado; uma vez que eles não suportariam conhecer suas verdades. Isso ocorre devido à fantasia estar sempre vinculada a um sentimento punitivo, cuja culpa atrelada, por sua vez, determina que ela seja inconfessável. E de onde vem esta culpa? É possível relacioná-la ao fato da fantasia realizar a passagem que permite ao gozo ser desfrutado como prazer, e que aquele, para Lacan, refere-se a uma satisfação absoluta. Pode-se concluir, então, que os neuróticos sentem-se culpados ao confessar suas fantasias por elas muitas vezes estarem atreladas a prazeres perversos, os quais não são condizentes com seus princípios morais; ou até mesmo que os neuróticos sentem culpa pelo simples fato de sentirem prazer, mesmo que seja em fantasia.

É possível realizarmos uma diferenciação da forma das manifestações fantasísticas dentro das principais estruturas neuróticas: o obsessivo é aquele que nega o desejo do Outro e forma sua fantasia para que assim possa impossibilitar o esvaecimento do sujeito. Ele constrói sua fantasia sobre o fundamento de sua própria eliminação. Desta forma, pode-se dizer que ele se desvaloriza, coloca fora de si todo o jogo da dialética erótica. Quem goza, para o obsessivo, é o Outro. “É nesse lugar do Outro que ele se instala, marcando seu desejo pela impossibilidade. Trata-se de um Outro que comanda, legifera e o vigia constantemente. A fantasia do obsessivo trás a marca do impossível desvanecimento do sujeito para escapar do Outro” (QUINET, 2005, p. 23).

Os atos obsessivos nada mais são do que defesas contra o surgimento da angústia, já que desviam toda a energia libidinal para a sua consecução (JORGE, 2007b). Desta forma, o obsessivo anula seu desejo e tenta preencher todas as lacunas decorrentes de sua falta com significantes, para que assim seja possível impedir o gozo do Outro. Desta forma, ele está sempre em atividade, “ele não pára de pensar, duvidar, calcular, contar” (QUINET, 2005, p. 24).

O histérico é aquele que supõe que o analista é o detentor da verdade a respeito de seu sintoma, o detentor da subjetividade, ou, como Lacan preferia dizer, *sujeito suposto saber*. Ele está à procura de um mestre, para que este produza um saber. Não que ele vá se submeter a este mestre, mas sim para reinar sobre este, já que é capaz de perceber diversas falhas em sua atividade de mestria. O histérico mantém seu desejo para livrar-se da insatisfação decorrente de se fazer passar ali como objeto; ele se apresenta como alguém que não tem lugar no Outro, sendo o ($\bar{\exists}$) por excelência, preterido e sem habitação no Outro, o próprio inconsciente atuante.

Na histeria o Outro é o Outro do desejo, sujeito faltante e impotente em alcançar o gozo. Na cena de sedução subjacente em sua fantasia, o sujeito histérico coloca-se no lugar de objeto e ao Outro é conferido o lugar dominante, traduzindo a insatisfação de seu desejo e, portanto, de sua fantasia. Na atividade analítica isto pode ser manifestado como uma reivindicação ao Outro, a quem, ao contrário do obsessivo, o histérico não deve nada, mas sim este lhe deve. Enquanto o obsessivo supõe o Outro como detentor do gozo, para o histérico o Outro não tem o falo; ele próprio assume a função de ser o falo. Para atingir a satisfação que deseja, o histérico substitui o objeto inatingível por algum outro do mundo real.

Em suma, em todas as estruturas neuróticas há uma fixação do sujeito no pólo do inconsciente da fantasia ($\bar{\alpha}$), também denominado de pólo do amor. O neurótico é aquele que faz a sua fantasia como uma completude para o amor faltante.

Já na estrutura perversa ocorre um fenômeno inverso ao da neurose: o perverso permanece fixado no pólo da pulsão (α), pólo do gozo, e sua fantasia é uma forma de completude para o gozo faltante (JORGE, 2006b).

Na perversão “há admissão da castração no simbólico e concomitantemente uma recusa, um desmentido” (QUINET, 2005, p. 20). O perverso imagina ser o Outro, para assegurar-lhe seu gozo, daí pode-se concluir que a perversão existe no inconsciente do neurótico como a fantasia do Outro, ou seja, a neurose é o negativo da perversão. Ao contrário do neurótico que realiza a fantasia para frear sua entrada ao gozo absoluto, o perverso justamente usufrui deste pela colocação em ato de sua fantasia (JORGE, 2006a).

De acordo com Freud (*apud* JORGE, 2006a) a perversão é estruturada de forma contrária à neurose devido ao recalque da fantasia realizado pelo perverso. Desta maneira, a fantasia está para a perversão assim como o sintoma está para a neurose e o

delírio está para a psicose. Estas (fantasia, sintoma e delírio) são as três possíveis formas de defesa contra a realidade imposta pelo mundo externo. Cada sujeito constrói o seu tipo de defesa de acordo com a sua estrutura psíquica.

Como exemplo de fantasia perversa podemos mencionar a sadomasoquista, a qual pode ser definida como um sofrimento esperado. Nesta, o Outro imaginário é suspenso sobre o abismo do sofrimento, de maneira que o sujeito não sabe mais o que deseja deste Outro (LACAN, 1992, 1998). É importante ressaltar que na perversão a entrada da fantasia ocorre da mesma maneira que nas neuroses, ou seja, através do recalque originário, da metáfora do Nome-do-Pai que insere o sujeito no mundo real, mundo simbólico, como um sujeito falante.

No caso da psicose, ocorre a forclusão da metáfora do Nome-do-Pai, ou seja, a quebra da vinculação total entre a criança e a mãe realizada pelo pai não age como descrito para o caso do neurótico; o Não-do-pai não age no caso da psicose. Desta maneira, não é possível à fantasia entrar em ação fazendo o laço social que permite ao sujeito escapar da pulsão de morte, esta pulsão vai então operar livremente. Esta irrupção da pulsão de morte cuja interrupção ocorreria com a entrada da fantasia é sentida como uma súbita invasão do real na estrutura psicótica (JORGE, 2005).

Como uma tentativa de saída deste estado, o psicótico constrói o delírio; este pode ser compreendido como uma fantasia dos psicóticos, embora não seja a fantasia da forma fundamental, uma vez que ela não faz a ponte entre o inconsciente e a realidade. O delírio psicótico pode então ser compreendido como a ponte entre a pulsão de morte e o real, ou seja, embora o delírio seja pensado como o que afasta o psicótico do mundo real, ele é justamente a sua tentativa de ligação com este mundo (JORGE, 2003). Contudo, o delírio é uma fantasia impossível de ser partilhada, já que ele não recebe resposta por parte do Outro.

2-6. b) *A atividade fantasística dos psicóticos em Klein*

Klein (1981) também aborda a atividade fantasística dos psicóticos. Porém, ela difere da opinião de Lacan a respeito do delírio. A autora conclui que a fantasia do psicótico é uma exacerbação da fantasia do neurótico; ou seja, enquanto este quer atacar o corpo da mãe, em suas fantasias, o psicótico quer não apenas atacá-lo como também penetrá-lo, destruindo-o. As fantasias do psicótico atingem o grau máximo de sadismo não atingido pelos neuróticos.

Portanto, embora Melanie Klein não tenha tido por objetivo a distinção entre os tipos de fantasias manifestas nas diferentes estruturas psíquicas, em sua teoria ela levou em consideração que a vida fantasística não é a mesma entre neuróticos e psicóticos.

2.6. c) *Conclusão*

Em suma, podemos compreender que determinados comportamentos são maneiras particulares de cada indivíduo reagir frente ao enigma do desejo do Outro, cada um de acordo com a sua estrutura psíquica, sem comprometer o axioma da fantasia fundamental determinado por Lacan ($\exists \langle \alpha \rangle$). Este axioma está presente em todas as fantasias, embora seja abordado de maneira diferente, conforme o tipo de estrutura psíquica. Ele determina o critério diagnóstico a ser utilizado de acordo com os diferentes tipos clínicos.

2-7. *A constituição do sujeito*

2-7. a) *A constituição do sujeito em Lacan: a alienação e a separação*

Lacan trabalha a constituição do sujeito a partir de duas operações: alienação e separação, e não a partir de um processo de desenvolvimento que segue uma ordem cronológica, atravessando etapas (LACAN, 1988). Desta forma, não é possível estudar a transformação das fantasias ao longo do desenvolvimento com base na teorização lacaniana, tal como pode ser feito tomando como alicerce a teorização kleiniana, conforme veremos adiante.

Através da alienação, o sujeito entra no campo do Outro, o qual representa o simbólico, a linguagem. Ele é obrigado a renunciar à própria liberdade ao realizar esta entrada, já que, a partir de então, passa a ser submetido ao desejo deste Outro. Desta forma, além do campo do sujeito e do Outro, existe também o campo formado pela intersecção entre os dois, o qual é o representante do inconsciente. Conseqüentemente, o sujeito perceberá o que falta a este Outro e, portanto, que este é um ser desejante, já que toda falta remete a um desejo. Esta operação de alienação do sujeito no campo do Outro Lacan (*apud* TOLEDO, 2003) denominou de “afânise”, a qual implica na primeira divisão do sujeito.

Em seguida, durante a operação de separação, o sujeito leva consigo o objeto *a*, o qual corresponde à intersecção entre as duas faltas: a dele e a deste Outro, a mãe primordial. Este objeto, a partir de então, será o objeto promotor de seu desejo. Pode-se concluir, desta forma, que o sujeito precisa separar-se deste Outro para se tornar um ser desejante, e o resultado destas duas operações o coloca no campo de sujeito da fantasia fundamental, já que, até então, ele estava no lugar de objeto desta fantasia. A partir daí, seu desejo será constituído em função da falta de conhecimento a respeito do desejo da mãe – já que o desejo é o desejo do Outro – e de tudo o que está aquém e além deste conhecimento.

2-7. b) *A constituição do sujeito para Melanie Klein: um percurso nas manifestações fantasísticas ao longo do desenvolvimento*

De acordo com Klein (1963), no decorrer do desenvolvimento as fantasias vão sendo elaboradas, referindo-se, gradualmente, a uma maior variedade de situações, sempre influenciando a vida psíquica. Elas nunca deixam de existir, embora, na vida adulta, apresentem-se mais diferenciadas do mundo real. Como exemplo pode ser mencionada a influência das fantasias inconscientes na arte, no trabalho científico, e mesmo em qualquer atividade cotidiana.

O primeiro e principal alvo das fantasias primitivas da criança é o corpo da mãe (KLEIN, 1963). A criança, em sua vida fantasística, tem a imagem do corpo da genitora como algo capaz de lhe proporcionar a mais plena gratificação, uma vez que este é o possuidor de que tudo o que pode provocar-lhe satisfação, como o seio, o pênis do pai e ainda os bebês, possíveis irmãos.

Estas fantasias são responsáveis pela ligação extremamente intensa da criança com a mãe nos primeiros meses de vida. Porém, a projeção de aspectos hostis no corpo materno, provenientes de frustrações decorrentes da mãe não lhe fornecer toda a gratificação pretendida, transformam este corpo em algo dotado de características destrutivas. Esta transformação, por sua vez, aumenta a tendência à projeção de aspectos agressivos no mesmo, contribuindo para a visão da criança de um corpo cada vez mais persecutório.

Esta agressividade, de acordo com Klein, é inevitável na vida da criança, já que ela nasce imersa na posição esquizo-paranóide, a qual determina a vinda do bebê ao mundo com características destrutivas inatas. Nesta posição, a criança ainda não

desenvolveu o princípio de realidade; ela é movida completamente pelo princípio do prazer. Isto quer dizer que ela sente os desgostos da realidade e tenta adaptá-la a suas fantasias, ao invés de adaptar estas à realidade (KLEIN, 1996).

As primeiras experiências da vida infantil, características desta posição, como a divisão da mãe em boa e má, projeções destrutivas, sentimentos de culpa e até rivalidades que surgem durante o Édipo formam parte da vida de fantasia. O impacto que estas terão na vida da criança depende da intensidade da onipotência com que as mesmas são experienciadas (KLEIN, 1981).

A fantasia, inata na vida da criança, é inicialmente de caráter oral (KLEIN, 1929/1948, 1981), já que Melanie Klein concorda com Freud que a fase oral se desenvolve logo após o nascimento. As primeiras fantasias a se manifestarem são as sádicas, originárias da posição na qual o bebê nasce – esquizo-paranóide – as quais despertam uma imensa ansiedade (KLEIN, 1963). Seus eliciadores são, principalmente, voracidade, inveja e ódio. Um exemplo que pode ser mencionado é a fantasia do bebê de divisão do seio em um seio bom e um seio mau. Enquanto o primeiro é o responsável pela gratificação infinita, o segundo é aquele que frustra infinitamente, já que não está presente no momento que a criança deseja. Contra este seio mau a criança inicia uma série de ataques em forma de fantasias, nas quais o divide em milhões de pedaços, enquanto o seio bom permanece íntegro, representante de toda a bondade existente.

O infante, em sua vida fantasística, se apodera do seio mau de sua mãe com intuito de esvaziá-lo completamente. Esta fantasia forma um elo entre o estágio oral de sucção – no qual a fantasia predominante é o desejo de sugar todo o conteúdo do seio – e o próximo, o estágio oral de morder – no qual os ataques ao seio são realizados por meio dos dentes. É importante ressaltar que estas fantasias estão sempre influenciando

na estrutura do próprio ego da criança, o qual também se encontra dividido entre bom e mau neste estágio primitivo.

Embora o estágio oral seja elaborado, dificilmente será superado; ele geralmente persiste ao longo da vida em momentos de regressão, por meio de fixações orais. É possível perceber manifestações dessas fixações em adultos através de fenômenos como toxicomanias e distúrbios alimentares (HEIMANN; ISAACS, 1986). Caso a fase oral tiver sido bem elaborada, ela permanecerá durante a vida adulta deslocada para outros fenômenos; como o pênis que passa a ser visto como um órgão atraente para as mulheres, os órgãos femininos como dádivosos para os homens e até mesmo o seio passa a ser visto como dádivoso para a mulher, durante o período de amamentação. As experiências felizes são armazenadas e ativadas em experiências posteriores, o que contribui para uma genitalidade bem sucedida. Contudo, isto depende do equilíbrio que houver entre os impulsos libidinais e destrutivos: os segundos devem ser progressivamente subordinados aos primeiros.

Conforme o interesse da criança se desloca de fenômenos associados à boca para outros associados ao ânus, a próxima fase de desenvolvimento sexual, a anal, mostra-se presente, e, junto com ela, emergem as fantasias anais. O caráter das fantasias permanece sádico, já que a posição esquizo-paranóide ainda é predominante na vida da criança, porém as armas utilizadas nos ataques passam a ser excrementos como urina e fezes.

É importante mencionar que nem sempre a urina e as fezes são vistas como armas perigosas, isto depende das intenções da criança no momento de evacuação. Estes excrementos também podem ser encarados como presentes que a criança deseja dar à mãe, como um meio de expressão de seu amor por ela.

Assim como a fase oral, a fase anal nunca é completamente superada e, dependendo do grau de fixação na mesma, o sujeito pode ser acometido por certos tipos de transtornos psíquicos. Uma fixação nesta fase pode manifestar-se durante a vida adulta através de distúrbios sexuais, como as perversões.

Posteriormente, o pênis do pai aparece como objeto de desejo da criança, em substituição ao seio da mãe, tanto em crianças do sexo feminino quanto do masculino. É importante ressaltar que, embora Klein tenha enfatizado a relação da criança com a mãe e tenha reservado ao pai apenas uma função de complemento desta relação, a presença paterna é essencial nos conflitos iniciais entre a mãe e o bebê. Embora a autora não tenha ressaltado este aspecto, sua teoria também pode ser considerada triangular, uma vez que considera as relações familiares entre a mãe, o pai e a criança, assim como fizera Sigmund Freud (BENVENUTO, 2001).

Entretanto, tal como ocorreu com o seio, o órgão sexual masculino também provoca frustração na criança, já que não é capaz de proporcionar a gratificação infinita almejada, e também se transforma em alvo dos ataques sádicos derivados dos sadismos oral e anal. Esta frustração, aliada a um ódio pelo pai decorrente de ele possuir a mãe, primeiro objeto de desejo da criança, aumenta ainda mais a agressividade contra a figura paterna. No caso do menino, Klein (1945/1948) complementa dizendo que existe também a criação de fantasias a respeito da castração durante este período, fazendo com que o ódio pelo pai seja ainda maior em crianças do sexo masculino.

Esses ataques pertencentes aos estágios primitivos do complexo de Édipo, dotados de ansiedades orais, anais e uretrais (entre o estágio oral e o anal existe um período em que é sentida a presença de tendências sádicas uretrais), não são apenas realizados contra o mundo externo como também em direção ao próprio mundo interno da criança, na medida em que ela está completamente dominada por pensamentos

destrutivos até este período. Ela também pode projetar seus sentimentos agressivos sobre o seu primitivo superego, já que pensamentos destrutivos geram ainda mais agressividade, a qual é predominante no mundo primitivo da criança, tanto em relação a seu mundo externo quanto interno.

Se esses ataques estiverem sendo duradouros, é um indício de que a posição esquizo-paranóide não está sendo suficientemente elaborada, ocasionando uma inibição da capacidade de amor e prejudicando as futuras relações objetais. Diversos fatores são capazes de indicar uma fixação nesta posição, tais como uma perda de interesse pelo mundo em geral, incapacidade de realização de sublimações¹⁴, dificuldades na administração de novos alimentos em substituição ao leite materno (as quais são derivadas das fantasias infantis de destruição do seio) e, principalmente, a persistência da agressividade.

Com o enfraquecimento do narcisismo que dominava a criança até então, e se o objeto predominante em sua mente for de uma mãe boa, origina-se um sentimento de culpa em decorrência da diminuição da angústia presente nos ataques anteriores, cuja intensidade é correspondente à onipotência do sadismo anterior (KLEIN, 1933/1948, 1934/1948, 1981). Este sentimento de culpa é acompanhado de um medo de retaliação por parte dos personagens anteriormente atacados, assim como também por parte dos objetos utilizados como armas para a realização destes ataques, como os dentes e os excrementos.

As crianças desenvolvem então tendências restitutivas em forma de sublimações, dirigidas a todos os objetos danificados anteriormente pelas fantasias sádicas, principalmente à mãe. O predominante agora é o temor da criança de ser deixada no

¹⁴ Termo conceituado por Freud para designar um tipo de atividade humana que não tem nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que extrai sua força da pulsão sexual, na medida em que esta se desloca para um alvo não sexual, investindo objetos socialmente valorizados (ROUDINESCO; PLON, 1998).

desamparo, devido à destruição anterior da genitora realizada por ela própria. Estas fantasias reparadoras são extremamente importantes para o desenvolvimento bem sucedido da próxima fase, a genital, a qual prevalecerá durante o resto da vida num desenvolvimento saudável.

A partir de então, os objetos anteriormente utilizados como armas de ataque, durante a fases oral e a anal – até mesmo os excrementos – serão empregados como instrumentos amistosos. Desta forma, a criança pretende, em suas fantasias, reparar os danos causados anteriormente, quando estava dominada pelo sadismo.

Como exemplo pode ser mencionada a transformação da atividade lúdica, cuja ocorrência é freqüente em meninos, de cortar pequenos pedaços de madeira na atividade de juntar estes pedaços para formar um lápis. Esta nova atitude está representando a necessidade de reparar os danos causados aos objetos anteriormente destruídos, em fantasia, tais como o seio da mãe e o pênis do pai, dando-lhes uma nova aparência, integrando-os novamente (KLEIN, 1996).

De acordo com Riviere (1986b) este é o aspecto mais importante da teoria kleiniana. A autora defende que a obra de Melanie Klein não pode ser pensada apenas em relação às fantasias agressivas, já que a reparação é algo muito mais elaborado, vinculado à necessidade de defesa contra a agressão. Estes mecanismos reparatórios são o apoio para o desenvolvimento de todos os posteriores processos de sublimação e para a formação de símbolos. O estabelecimento da genitalidade contribui para a formação de um caráter seguro, confiante.

A partir da emergência da posição depressiva – em detrimento da esquizo-paranóide – a criança adquire a capacidade de introjeção da figura de seus pais de forma íntegra, completa, em suas fantasias imaginativas. A percepção dos objetos externos como entidades divididas em boas e más perde força nesta etapa, dando lugar à imagem

integrada dos mesmos. Esta integração é de extrema importância para a vida futura, na medida em que, a partir de então, as pessoas começam, gradualmente, a serem vistas do modo como realmente são; os aspectos bons e ruins são percebidos como presentes em uma pessoa só.

É importante ressaltar que não só fatores constitucionais determinam este desenvolvimento como também os ambientais. A imagem que o bebê tem de seus pais, conseqüentemente, é baseada na influência das fantasias projetivas e introjetivas. São introjetados tanto o seio ruim quanto o seio mau, e, da mesma maneira, ambos são projetados na realidade externa. A predominância da libido ou da agressividade irá determinar o tipo de introjeção e projeção predominantes, o que, conseqüentemente, determinará se o caráter das fantasias preponderantes será amoroso ou agressivo.

Outra mudança que ocorre na vida de fantasia é a sua gradual adaptação à realidade. Até então, as crianças não distinguem o que é real e o que é fantasiado, já que a vida fantasística as dominava completamente. Com a emergência da posição depressiva, as fantasias são ampliadas, elaboradas e diferenciadas, refletindo o progresso que está ocorrendo no desenvolvimento intelectual e emocional do bebê (KLEIN, 1986a). Conseqüentemente, é possível a criança a distinção entre seu desejo e o ato realizado, ou seja, entre a fantasia e a realidade. Esta mudança é devida à diminuição da severidade do superego e a um aumento do sentimento de culpa, o qual é proporcional à intensidade do sadismo anterior. Os ataques sádicos caminham, então, para o desaparecimento.

À medida que a ansiedade diminui, as fantasias são apresentadas de maneira cada vez mais calma e embasadas na realidade. Esta mudança é acompanhada por uma maior liberdade e uma maior atividade por parte da criança. A vida infantil deixa de ser dominada exclusivamente pelo mundo fantasístico, na medida em que este começa a

deixar espaço para a entrada de conteúdos reais, os quais são progressivamente integrados.

A partir da superação deste sentimento de culpa, decorrente dos ataques efetuados anteriormente em fantasia, a relação da criança com seus pais também é elaborada. Ela se torna mais segura e estável em sua vida fantasística inconsciente, o que permite um certo desprendimento entre o infante e os genitores, devido ao desenvolvimento de novas relações com outros objetos externos, substitutos do pai e da mãe. A criança procura nestes novos objetos as fantasias agradáveis que criara anteriormente em relação aos genitores (KLEIN, 1996). A capacidade de identificação com outras pessoas é fundamental para que a criança possa distribuir o amor e a ajuda da qual ela própria necessita, sentindo-se bem com esta capacidade de fazer o bem ao próximo.

A onipotência presente tanto nas fantasias agressivas iniciais quanto nas reparadoras influencia nas posteriores relações de objeto. No caso do vínculo com a mãe ser muito forte, a ponto da criança não conseguir sentir-se como um ente separado desta, sua relação com os objetos externos substitutos fica prejudicada, dominada pela ansiedade de separação, de perda dos mesmos.

É importante ressaltar a importância que as fantasias infantis expressas nas brincadeiras têm para a vida adulta. A maneira como as pessoas se comportam durante seus relacionamentos amorosos, por exemplo, são decorrências da elaboração destas fantasias representadas nas atividades lúdicas (KLEIN, 1981).

Prosseguindo no desenvolvimento, durante o período de latência a criança passa a reprimir suas fantasias de uma maneira muito mais severa do que nos períodos anteriores. Enquanto a criança pequena sofre influência imediata de suas experiências e fantasias instintivas, a criança do período de latência já as dessexualizou, assimilando-as

de uma maneira diferente (KLEIN, 1981). Ela passa a reprimir suas fantasias masturbatórias, ou a expressá-las de maneira dessexualizada, para assim atingir as exigências de seu ego e o agrado dos mais velhos, o que passa a ser extremamente importante neste período.

Desta maneira, as fantasias podem estar contidas em atividades nas quais elas não se manifestam claramente, como nos deveres de casa da criança: “as fantasias de cópula ativa dos meninos também emergem em jogos ativos e no esporte, e também encontramos nos pormenores desses jogos as mesmas fantasias expressas na sua lição de casa” (KLEIN, 1981, p. 332).

Já durante o período de puberdade, os impulsos tornam-se mais poderosos, a atividade de fantasia maior e o ego passa a ter outros objetivos, além de relacionar-se de forma diferente com a realidade. Neste período há – como na criança pequena – uma predominância dos movimentos pulsionais e do inconsciente, o que contribui para a riqueza de sua vida de fantasia. Pode-se dizer que, de uma certa forma, há uma regressão do adolescente aos primórdios da infância, já que há uma nova vivência destes impulsos e fantasias. A sexualidade, que tinha passado por um período de repressão durante a latência, retorna de uma forma mais madura com a tomada de consciência dos impulsos incestuosos do período edipiano, e, com ela, retornam também as fantasias sexuais.

Contudo, as atividades imaginativas do adolescente estão mais adaptadas à realidade e aos interesses incrementados de seu ego, sendo seu conteúdo muito menos reconhecível do que o das crianças pequenas. Além disso, devido à sua maior gama de atividades e suas relações mais firmes com a realidade, o caráter de suas fantasias sofre contínuas alterações, as quais proporcionam uma adaptação ao seu contexto em contínua mudança.

Embora as fantasias inconscientes pareçam perder influência durante a vida adulta, elas continuam tão presentes quanto na criança, embora mais diferenciadas da realidade. Isto quer dizer que os adultos têm uma capacidade, inexistente nas crianças pequenas, de distinguir o que é pertencente à esfera do real do que é pertencente à esfera do mundo fantasístico, dominado pelo princípio do prazer. Seus efeitos inconscientes são provas desta presença, já que as fantasias permanecem ativas no posterior desenvolvimento da sexualidade em inúmeros distúrbios sexuais, até mesmo na perversão (KLEIN, 1927a/1948).

Quando o sujeito amadurece – psiquicamente e biologicamente – suas fantasias inconscientes são passíveis de realização no estado adulto, ou seja, os desejos e impulsos que anteriormente acarretavam um grande sentimento de culpa passam a ser livremente realizados em fantasia, já que a vida fantasística adulta é diferenciada da realidade.

A diferenciação entre o que é pertencente à vida de fantasia e o que é real torna-se então mais nítida na vida adulta, o que não quer dizer que um processo opere de forma independente do outro. De acordo com a teorização kleiniana, “o pensamento de realidade não pode operar sem a concorrência e apoio de fantasias inconscientes” (ISAACS, 1986, p. 124).

Outra prova da influência das fantasias durante a vida adulta é o sintoma histérico, trabalhado em Klein (1923/1948). Este nada mais é do que uma condensação de fantasias, tal como ocorre com artistas que utilizam suas fantasias em sua arte, liberando a imaginação em seu trabalho artístico. Contudo, os adultos, assim como as crianças, podem ser tomados por uma dose de fantasia extremamente intensa, a qual não é construtiva, mas sim patológica.

2-8. *Fantasia e conteúdos patológicos*

De acordo com a teorização lacaniana, a entrada da fantasia na vida do sujeito é comumente pensada, à primeira vista, como uma salvação para a vida psíquica, uma vez que é ela que impede o desfrute do gozo total, ou seja, impede a entrega à pulsão de morte. Contudo, esta aparente “salvação” pode se tornar uma patologia, dependendo do grau de dependência que o sujeito adquire desta atividade fantasística salvadora (JORGE, 2006b).

Para Melanie Klein (*apud* ISAACS, 1986), as fantasias estão presentes tanto em mentes normais como nas neuróticas, perversas e psicóticas, em todas as faixas etárias. O que diferencia uma manifestação fantasística normal de uma patológica é a maneira como as fantasias são tratadas, os processos mentais através dos quais são trabalhadas e modificadas e o grau de adaptação ao mundo real. O neurótico pode ser considerado “diferente” na medida em que mostra mais claramente aquilo que aparece encoberto na mente normal, portanto seu desenvolvimento não é seriamente prejudicado, apenas a censura não atua de forma satisfatória. Já o psicótico permanece fixado aos primórdios da infância, apresentando fantasias típicas da tenra idade em anos posteriores ao esperado, as quais são extremamente intensas e repletas de conteúdos angustiantes (KLEIN, 1996). Pode-se dizer que estes sujeitos acabam vivendo isolados em seus mundos de fantasia, já que sua vida fantasística domina suas mentes de tal maneira que não permite a entrada da realidade na psique.

Desta forma, podemos concluir que, enquanto para Lacan o delírio (substituto da fantasia) é uma maneira que o psicótico encontra de não sucumbir à irrealidade, para Melanie Klein a fantasia do psicótico é justamente o que o retira da realidade, uma vez que ela acaba por dominar a mente deste completamente, impedindo a entrada de

conteúdos adequados à realidade em sua psique. Portanto, para esta autora a fantasia do psicótico está diretamente relacionada a conteúdos patológicos; enquanto para o autor francês a atividade fantasística psicótica (em sua forma delirante) é o que retira o sujeito da completa loucura, já que o delírio é uma tentativa de conexão com a realidade.

2-8. a) *A patologia sob uma visão kleiniana*

2-8. a) 1. *Fixações nos estágios primitivos*

A principal gênese das neuroses patológicas consiste em fixações de fantasias primárias (fantasias primitivas, pertencentes aos estágios orais e anais primordiais). Estas fantasias primárias estão relacionadas, em sua maioria, a conteúdos sexuais, inclusive ao ato sexual dos próprios pais. A fantasia dos pais combinados eternamente no ato sexual – a qual costuma acontecer em crianças de poucos meses de vida – contribui para a emergência de quadros psicóticos se for recorrente e acompanhada de intensa ansiedade.

Fixações de fantasias pertencentes ao primitivo estágio oral são potenciais causadores de patologias, como as fantasias canibalescas, as quais podem acarretar fobias a animais, associadas ao temor do superego e do id ameaçadores (HEIMANN; ISAACS, 1986). Nos adultos, fixações no estágio oral podem ser vistas em desordens como perversões e toxicomania. Elas são causadoras de perturbações no desenvolvimento libidinal e ainda, dependendo da intensidade e natureza das fantasias envolvidas, até mesmo no estabelecimento do estágio genital. Uma genitalidade bem desenvolvida depende diretamente da elaboração das fantasias da fase oral, as quais continuam presentes, embora desacompanhadas de sadismo e agressividade. Isto pode

ser visto em fantasias do pênis como um órgão dádioso para as mulheres e do seio como atraente para os homens, órgão associado a funções de alimentação e conforto, em decorrência de boas recordações das fantasias introjetivas, tais como as de sucção do seio, as quais sempre permaneceram ativas no inconsciente.

Da mesma forma, fixações no estágio anal também podem promover fantasias associadas a conteúdos patológicos. Como exemplo, temos a dificuldade da criança em controlar sua urina decorrente da associação desta a conteúdos maléficos, já que nos primitivos ataques efetuados à mãe seus excrementos eram utilizados como armas.

Isto significa que a presença de fantasias pertencentes aos estágios pré-genitais não é, por si só, um fator eliciador de patologia, mas sim a forma como estas fantasias continuam presentes. Sua presença na vida adulta também pode ser saudável, se estiver subordinada às fantasias genitais. Dependendo da maneira como esta presença é sentida, ela é até considerada um fator controlador de ansiedade, uma vez que as fantasias pré-genitais contribuem para a visão dos órgãos sexuais como bons e necessários, e, portanto, a atividade sexual também será sentida como boa e necessária. O modo como as fantasias primitivas permanecem presentes na vida depende da atuação da libido, a qual realiza o ajustamento às demandas da realidade. Fantasias de procriação são exemplos da libido utilizada em favor de mecanismos construtivos, ou seja, da genitalidade sendo estabelecida de maneira saudável.

Por outro lado, a predominância de sentimentos destrutivos, relacionados aos primitivos estágios da vida, sobre as tendências genitais pode ocasionar alguns tipos de inibições no desenvolvimento. Quando a tendência dominante no infante é a de aniquilação de sua mãe, um tipo de fantasia freqüente é a sensação de que ele está pisando sobre o corpo da própria genitora. Esta fantasia é sentida como persecutória e

pode ser causadora de inibições no caminhar, dependendo de sua intensidade e frequência.

2-8. a) 2. *As neuroses*

Nas fantasias neuróticas apenas uma parte da realidade é reconhecida; há uma negação da outra parte desta, a qual permanece subordinada a vida de fantasia, onde a censura não atua (KLEIN, 1996). Já nas crianças “normais”, com uma saúde psíquica livre de qualquer tipo de perturbação – o que é extremamente raro – há um equilíbrio melhor entre a fantasia e a realidade, o que pode ser comprovado através da interpretação de suas brincadeiras. Elas não deixam de fantasiar, porém, sua atividade de fantasia é mais bem elaborada, livre de repressões e está em conformidade com a realidade. A fantasia, nas crianças normais, pode ser vista ainda em momentos nos quais a realidade impõe-se de forma angustiante, como um meio de refúgio das atividades penosas, uma atividade que tem como função trazer prazer à vida. A descarga de fantasias masturbatórias através das atividades lúdicas e outras formas de sublimação pode ser entendida como um meio para a criança obter alguma gratificação.

Como exemplo, podem ser mencionadas as fantasias masturbatórias de Fritz, paciente bastante mencionado nos artigos de Melanie Klein, baseadas no desejo de coito com a mãe. O menino, quando havia completado seis anos de idade, tinha fantasias sobre seu imaginário “general Pipi” – o órgão sexual masculino – o qual conduzia os soldados, denominados de “pingos de Pipi”, pelas ruas e os levava até uma aldeia.

A partir da análise desta fantasia, ficou claro que ela estava relacionada ao caminho dos movimentos do pênis no coito com a mãe. Ele ainda fantasiava que todas as crianças tinham uma espécie de motocicleta, a qual fazia “curvas” para dentro e para

fora. Quando a curva era muito pequena, as crianças “caiam da motocicleta” – movimento do pênis no coito – ao passo que se fossem bem sucedidas nas curvas “desciam no ponto final” – representação do nascimento. Desta forma, a habilidade em dirigir a motocicleta era a representação da habilidade no coito. A gasolina que era colocada para fazer a motocicleta andar representava a “água do Pipi”, ou o sêmen, necessário ao coito (KLEIN, 1996).

Outro exemplo acerca de Fritz é a fantasia que tinha de que as árvores podiam cair sobre ele, a qual foi, por sua vez, determinante de uma fobia às árvores situadas no caminho de sua escola e, portanto, a ida à escola passou também a ser temida. Ficou claro, durante a interpretação kleiniana desta fantasia, que as árvores representavam o grande pênis do pai, tão temido. Para evitar o caminho da escola, o menino passou a fantasiar que era possível estender uma escada da janela do seu quarto até a sala de aula, de modo que ele e a mãe iam juntos, pulando de degrau em degrau. Também fantasiou a respeito de uma corda, esticada de sua janela à escola, através da qual ele e sua irmã eram puxados até a escola. As crianças das salas de aula ajudavam a puxar a corda, e depois ele mesmo a atirava de volta. A análise desta fantasia revelou que esta representava a sua procriação, por seus pais, e a sua própria idéia de coito.

Nas mentes neuróticas, as fantasias muitas vezes são reprimidas de tal forma que podem passar despercebidas por um analista menos atento. Isto ocorre devido ao grande sentimento de culpa, sempre presente na vida dos neuróticos, atrelado à sexualidade. Dependendo da intensidade da culpa, esta repressão pode acarretar uma inibição não apenas das brincadeiras (representações em ações das fantasias) como também do processo posterior de aprendizado e sublimação.

Transtornos obsessivos compulsivos, cuja presença é bastante comum em crianças, podem estar relacionados à repressão de fantasias masturbatórias. No caso de Félix, outro paciente que Klein menciona em algumas obras importantes (KLEIN, 1981, 1996), a repressão da masturbação acarretou a descarga da libido acumulada em movimentos estereotipados como fazer caretas, piscar e esfregar os olhos, dentre outros.

Além disso, seu aprendizado também foi prejudicado devido a esta repressão. A análise e liberação destas fantasias, portanto, foi de importância primordial não só na cura destes transtornos obsessivos como também de todo o seu desenvolvimento intelectual. A partir de então, a atividade de sublimação pôde ser concretizada, sendo a libido deslocada para outros interesses, como o aprendizado, por exemplo; ao passo que a masturbação passou a ser praticada de maneira saudável, sem repressão, o que permitiu a liberação da vida fantasística através da brincadeira e o estabelecimento da sublimação posteriormente.

O meio mais eficiente de atenuar a ansiedade dominante na criança pequena é justamente a análise das fantasias sádicas, através da técnica do brinquedo desenvolvida por Melanie Klein (KLEIN, 1986c).

2-8. a) 4. *A introjeção e projeção associadas à patologia*

A fantasia onipotente de que o mundo externo é dominado pelo sujeito, ou seja, a não distinção entre o que faz parte do mundo interno e o que é da realidade externa é

outro possível eliciador patológico. Isto pode ser ilustrado em casos graves de depressão, os quais remetem ao primitivo estágio oral; ou ainda nas fantasias introjetivas que desembocam no auto-erotismo, quando a criança introjeta o seio da mãe em uma parte de seu corpo e sente como se este realmente fosse seu. Ela encontra seu refúgio neste seio interno, seio bom; enquanto o seio externo é sentido como mau, já que a frustrou na realização de seus desejos. Contudo, este contentamento é algo passageiro, efêmero, já que não é possível viver neste refúgio para sempre; a realidade externa logo vem à tona.

Por outro lado, quando o objeto interno é sentido como mau e perigoso a introjeção de novos objetos será, conseqüentemente, prejudicada. Este temor, por sua vez, gera um processo crescente de ansiedade e angústia, já que quanto mais a introjeção é temida, tanto mais é inibida.

Os mecanismos de introjeção e projeção sempre atuam em conjunto, tanto nas fantasias saudáveis quanto nas que desembocam em conteúdos patológicos. São introjetados tanto os objetos bons como os maus, e, da mesma maneira, ambos são projetados na realidade externa. Entretanto, a imagem interna dos objetos pode ser distorcida por estes mecanismos. Quando a criança introjeta um objeto ela está entregue ao desejo de incorporá-lo, correndo o risco de depositar em si mesma sua maldade. Por outro lado, quando a criança projeta algo interno no mundo exterior está correndo o risco de perder algo bom, que lhe pertencia. Esta contradição é fruto de intensa angústia, cuja presença é comprovada nas explosões de raiva da criança, as quais, se forem intensas e freqüentes, determinam um caráter inseguro e intolerante.

Esta insegurança, por sua vez, pode vir a acarretar problemas no posterior desenvolvimento, devido à desordem psíquica decorrente. Como exemplo, podem ser mencionadas dificuldades na alimentação, as quais também podem estar relacionadas à

falta de elaboração das fantasias primitivas de aniquilamento do seio materno. Estas fantasias, por conseguinte, provocam temores de ser aniquilado e devorado pelo seio, o que aumenta ainda mais a insegurança. Outro exemplo comumente recorrente são dificuldades durante o período escolar, no aprendizado da leitura e escrita.

2-8. a) 5. *Dificuldades no início do período escolar*

O início do período escolar, assim como toda mudança na vida da criança, é acompanhado por inúmeras fantasias que demonstram ansiedade frente a uma nova situação. Desta forma, a criança pode envolver seu sadismo nos processos escolares: algumas letras passam a ser representações de suas armas sádicas. Para Fritz, o “ll” juntos representavam as fezes, o “ss” juntos representavam a união dele com seu pai, e daí advém a dificuldade do menino na utilização destas letras. Em suas fantasias, seu caderno era um lago e sua caneta era um barco, através do qual os “ss” velejavam pelo lago. Isto ocasionou uma inibição na escrita dos “ss” juntos (KLEIN, 1996).

Além disso, sua caneta era investida de grande conteúdo simbólico-sexual. Outras vezes, seu livro era a representação do mundo, as linhas eram estradas, de forma que as letras corriam montadas numa motocicleta, a caneta. Desta forma, vários erros de ortografia do menino eram determinados pelo investimento de fantasias nas letras, as quais conviviam entre si, sendo algumas vezes amigas e em outras inimigas. Por exemplo, as letras minúsculas eram filhas ou simplesmente subordinadas às maiúsculas: o “S” era o imperador do “ss”.

Além disso, foi possível constatar através da análise que o movimento da caneta na escrita representava o coito sexual de seus pais, ao passo que a palavra em si representava o pênis, ou mesmo a criança fruto do ato sexual. Este paciente também

apresentava dificuldades na fala, advindas do movimento da língua, que, para ele, também estava associado a fantasias acerca do coito sexual.

Da mesma maneira, dificuldades na leitura são decorrências do investimento libidinal atribuído a esta atividade, já que o livro e os olhos estão também, assim como a caneta e o movimento da língua, investidos de conteúdos simbólico-sexuais.

2-8. b) *Alguns tipos de psicoses sob uma visão kleiniana e lacaniana*

2-8. b) 1. *A paranóia*

Klein (1981) através da análise de fantasias de crianças de tenra idade, afirma que, no caso da paranóia, as fantasias assumem o caráter de penetração no corpo da mãe, a fim de espoliar os seus conteúdos, causando uma imensa ansiedade devido ao temor subjacente de permanecer encarcerado e perseguido dentro da mãe.

A paranóia está diretamente relacionada ao temor de ataques provenientes da mãe, de ser perseguido por esta, em decorrência dos primitivos ataques sádicos efetuados contra a mesma. A realidade fica submetida à vida de fantasia, fazendo com que o sujeito esteja mais pendente para o lado da irrealidade. O paranóico pode ser comparado a um criminoso, o qual, por se sentir perseguido, tenta destruir os outros. Em ambos os casos os sentimentos dominantes são as fantasias persecutórias. Esta sensação de perseguição ainda pode ser reforçada por fatores externos, como a crueldade dos pais, ou um ambiente externo desfavorável (KLEIN, 1996).

Desta forma, apesar de o paranóico apresentar uma vida de fantasia extremamente rica, esta é sempre atrelada à intensa ansiedade. Embora ele tenha a capacidade de introjetar os objetos com os quais se relaciona de forma inteira e real, não

é capaz de se identificar com eles, devido à força da ansiedade persecutória que permeia seu mundo interno. Esta ansiedade, por sua vez, acarreta uma suspeita acerca da bondade de todos os objetos externos. Suas relações assumem, na maioria das vezes, os papéis de perseguidor e perseguido.

Um exemplo de conteúdos paranóicos nas fantasias infantis é o caso de George – paciente de Melanie Klein – o qual apresentou para ela, aos seus seis anos de idade, uma fantasia na qual ele aparecia como um líder poderoso de um bando que lutava para matar friamente seus inimigos. Estes inimigos nunca desapareciam; pelo contrário, ainda aumentavam gradualmente (KLEIN, 1996).

Outra fantasia paranóica interessante de ser mencionada é um caso relatado por outro paciente de Melanie Klein, o qual imaginava ter uma solitária dentro de seu corpo (KLEIN, 1996). Esta fantasia despertou um temor acerca de um câncer que poderia estar lhe corroendo por dentro. Durante a análise, a solitária foi interpretada como a representação dos pais, unidos em cópula contra o paciente. Conforme a ansiedade crescia, as fantasias aumentavam em intensidade e o paciente imaginava que o câncer estava atravessando a parede de seu estômago. Este câncer era a representação de seu id, o qual age instintivamente, e estava sendo impossível ao seu ego controlá-lo.

Em outra ocasião, este mesmo paciente teve fantasias a respeito de uma hemorragia interna que lhe acometia, da qual ele poderia morrer. A interpretação mostrou que esta hemorragia estava relacionada ao medo da perda da própria analista, que estava sendo simbolizada por este sangue bom, o qual estava indo embora sem que o paciente pudesse detê-lo.

Já de acordo com a teorização lacaniana, o paranóico, por apresentar uma estrutura psicótica, é aquele que sofreu uma falha no recalque originário e construiu o delírio, ao invés da fantasia, para conseguir se relacionar com a realidade (JORGE,

2003). O paranóico permaneceu fixado no estágio do espelho, ou seja, ele não formou uma imagem de seu “eu” integrada, distinta da imagem do Outro. Desta forma, este sujeito produz imagens altamente delirantes em relação ao Outro, imagens persecutórias; ele se sente perseguido por este Outro refletido no espelho, o qual é visto como um rival.

2-8. b) 2. *A depressão e a melancolia*

A depressão, para a teorização kleiniana, tem um alicerce na paranóia, da qual pode ser derivada. Fantasias muito comuns do depressivo são as relacionadas ao suicídio. Nestas, o que o sujeito está querendo destruir é a parte de seu ego ligada ao objeto mau, representante do id, com a qual ele não se identificou (KLEIN, 1996). Por outro lado, ele procura preservar a parte do ego conectada ao objeto bom, interno, a qual podemos pensar que está conectada com a alma e, portanto, irá sobreviver e será, desta forma, protegida do objeto mau. Ainda existem as fantasias relacionadas ao suicídio voltadas ao mundo externo, aos bons objetos externos que servem como substitutos dos objetos internalizados. O depressivo fantasia o suicídio justamente para preservar seus objetos bons, internos ou externos, de seu rancor, do ódio que cresce dentro dele.

Já a teorização lacaniana considera que o sujeito melancólico – acometido por uma forma de depressão extrema – forma a sua fantasia com o objetivo inconsciente de adquirir um escudo de defesa contra a dura realidade que lhe é imposta (LACAN, *apud* JORGE, 2003). Em casos graves, o sujeito perde inclusive a capacidade de formar qualquer tipo de fantasia, devido ao grau de paralisação no qual sua mente se encontra.

2-8. b) 3. *A claustrofobia*

Klein (1980) conclui que um dos fundamentos da origem da claustrofobia são as fantasias acerca de ataques sobre os corpos tanto da mãe quanto do pai, uma vez que estes dão origem a temores de possíveis conseqüências desastrosas, como o aprisionamento dentro do corpo dos genitores. Além disso, estas fantasias podem estar relacionadas ao temor da castração, devido ao imaginado aprisionamento do pênis dentro do corpo da mãe.

Da mesma maneira, o temor de permanecer encarcerado dentro da mãe, decorrente das fantasias inconscientes de projeção de todo o eu no interior da genitora para tomar sua posse e controle, é fator determinante na etiologia da claustrofobia, ou até mesmo de fobias comuns como a ladrões, cobras, invasões, etc (KLEIN, 1986b). Estes medos, por sua vez, estão relacionados a fantasias de tragédias como de uma total fragmentação do corpo, de ser desmembrado, despedaçado; ou seja, uma completa destruição do corpo e da personalidade. É importante ressaltar a atuação intensa da angústia de morte nestes casos, o que pode levar, em circunstâncias extremas, aos delírios psicóticos.

2-8. b) 4. *A esquizofrenia*

A teorização kleiniana ainda aborda as manifestações fantasísticas na estrutura esquizofrênica. De acordo com Heimann (1980a), neste caso as fantasias estão atreladas à sensação do próprio corpo em pedaços. Adicionada a estas bizarras sensações, estão a

introjeção dos pais e da relação sexual destes, pelo esquizofrênico, em seu ego, o que da origem a fantasias polimorficamente perversas, expressas sem nenhum tipo de disfarce, já que o esquizofrênico não se envergonha das mesmas. Sua vida fantasística é bastante rica e intensa, uma vez que ele não consegue aceitar a existência da maioria dos fatos reais. Pessoas, brinquedos e jogos podem ser muito mais bem controlados através da fantasia.

Já de acordo com a teorização lacaniana, o esquizofrênico, assim como o paranóico, sofreu uma falha na entronização do recalque originário, e, da mesma maneira, produziu o delírio psicótico como um meio de comunicação com a realidade. Contudo, o esquizofrênico não atingiu a etapa do estágio do espelho, já que permaneceu fixado numa etapa ainda mais rudimentar, da formação do corpo pulsional (JORGE, 2003). Ele é então invadido por fantasias pré-estádio do espelho, acerca do corpo espedaçado.

2-8. b) 5. *O Autismo*

Rodrigué (1980), outro seguidor da teoria kleiniana, em seu artigo *A análise de um esquizofrênico, com mutismo, de três anos de idade*, relata sobre as fantasias da criança autista. Ele afirma que estas são atividades fantasísticas de controle onipotente do mundo externo, uma vez que a criança autista é uma criatura onipotente.

O mecanismo de projeção é essencial para a sua atuação no mundo externo: “Ao projetar partes do seu eu no objeto, ela sente que o controla, pois identifica o objeto com a parte projetada do eu” (RODRIGUÉ, 1980, p. 226). A criança autista somente atua em ambientes nos quais a imobilidade das pessoas presentes seja tamanha que lhe

possibilite exercer sua dominação, já que precisa da obediência plena e cega dos demais.

Já a teorização lacaniana ressalta a questão da criança autista não haver incorporado a estrutura da linguagem, o que, por sua vez, ocasiona uma reação de indiferença de sua parte perante ao Outro (LEADER, 2001). Ela não diferencia nem mesmo objetos animados dos inanimados; a presença de uma pessoa faz-se notar da mesma maneira que a de um brinquedo. Seu mundo é representado por uma imensa continuidade.

2-8. c) *Conclusão*

De acordo com Riviere (1986a), seguidora de Melanie Klein, toda a vida fantástica é uma mistura das realidades interna e externa, ou seja, a vida de fantasia nunca é composta por pura fantasia. Portanto, o limite que demarca o que é fantasia e o que é realidade é muito tênue, de maneira que é possível a confusão entre o real e o fantasiado por qualquer pessoa. A persistência e intensidade em que esta confusão ocorre é o que determina o grau de patologia da mente.

Desta forma, para a teorização kleiniana, a fantasia pode estar atrelada à patologia em sujeitos que não conseguiram elaborar a ansiedade presente nas fantasias primitivas, as quais confundem fantasia e realidade. Esta confusão provoca sentimentos de despersonalização, por exemplo, em fantasias muito comuns de penetração no objeto exterior, com intuito de possuí-lo e controlá-lo. O fracasso em fazer a realidade predominar sobre a fantasia leva a formação de uma mente confusa, mal integrada.

Já para a teorização lacaniana, uma fantasia nunca é vista como uma manifestação patológica em si, mas sim a maneira como esta é formada pode estar

demonstrando a existência de uma patologia subjacente. Numa mente saudável, a fantasia entra em cena a partir da imposição do significante Nome-do-Pai, conforme descrito anteriormente, impedindo o acesso do sujeito ao gozo total, e lhe dando em troca a possibilidade de desfrutar do gozo fálico, o gozo sexualizado.

No caso de um transtorno psicótico, ocorre a forclusão da metáfora do Nome-do-Pai, ou seja, a figura paterna não age impondo a lei, a ordem para a criança. Desta maneira, o psicótico fica livre para desfrutar do gozo absoluto da “Coisa”, como Lacan denomina, ou da “pulsão de morte”, nos termos freudianos. Como uma forma de impedir que isto aconteça, o psicótico constrói o delírio, o qual não é nada além do que a sua forma correspondente de fantasia. Embora a conotação de delírio remeta a algo alucinante, fora da realidade, este delírio é o que justamente permite a este sujeito não sucumbir à irrealidade. A atividade delirante pode ser definida como a fantasia do psicótico, ou seja, uma construção fantasística que impede o desfrute do gozo total, da Coisa.

2-9. Fantasias e conteúdos sexuais

Assim como o pai da psicanálise que, desde o início de sua teorização acerca da vida fantasística, abordou as fantasias inconscientes sempre vinculadas a conteúdos sexuais (FREUD, BREUER, 1895/1969; FREUD, 1907/1969), seus seguidores Melanie Klein e Jacques Lacan também ressaltaram esta ligação. Klein concorda com Freud ao conceber a vida como uma luta constante entre os instintos de vida e de morte, sendo que a sexualidade é o alicerce para o desenvolvimento do primeiro destes (KLEIN, *apud* TEMPERLEY, 2001).

A importância do conteúdo sexual das fantasias pode ser comprovada num estágio posterior da vida (KLEIN, 1996). Embora durante a vida adulta as fantasias não sejam perceptíveis tão claramente como nas crianças, elas continuam atuantes na mente. Seus efeitos inconscientes podem ser vistos em distúrbios sexuais como a frigidez, a impotência, dentre outros.

Lacan (1981) também percebe uma conexão entre fantasias e conteúdos sexuais, mais particularmente, na fantasia de castração da criança do sexo masculino, cujo conteúdo refere-se à repressão sexual.

2-9. a) *Fantasias sexuais na teorização kleiniana*

2-9. a) 1. *Fantasias masturbatórias*

Por trás de cada forma de atividade lúdica encontra-se um processo de descarga de fantasias masturbatórias, as quais operam como uma contínua motivação para a brincadeira. Quando estas fantasias são reprimidas, as brincadeiras, por conseguinte, são paralisadas; ao passo que a liberação fantasística permite à criança brincar livremente (KLEIN, 1921/1948). Vinculadas às fantasias masturbatórias da criança estão suas experiências sexuais, as quais encontram também representação nas suas brincadeiras “uma das importantes conquistas da psicanálise é a descoberta de que as crianças têm uma vida sexual que encontra expressão tanto em atividades sexuais diretas quanto em fantasias sexuais” (KLEIN, 1981, p. 159).

A atividade auto-erótica não pode ser definida sem ser encontrada a fantasia subjacente à mesma; não existe masturbação sem uma fantasia que a sustente, e o interesse do analista na masturbação é justamente desvendar qual é esta atividade

fantasística (LAPLANCHE, 1992). Isto vale tanto para o adulto quanto para a criança que inicia seu auto-erotismo no protótipo oral.

Para a análise das fantasias agressivas da criança é necessária a observação simultânea das fantasias masturbatórias dotadas de conteúdos libidinais, para que assim sejam descobertas as fontes primordiais de ambas as manifestações fantasísticas.

A liberação destas fantasias masturbatórias é essencial não só para a atividade lúdica como também para todas as posteriores sublimações (KLEIN, 1996). Inibições graves tanto nas brincadeiras como em todo o aprendizado têm sua origem na repressão destas fantasias. Portanto, uma vida sexual satisfatória depende da liberação da vida fantasística, principalmente das fantasias masturbatórias. As representações que as crianças fazem da cena primária (ato sexual dos pais) podem ser consideradas o conteúdo primordial que se encontra por trás destas fantasias, as quais só são reveladas depois de um período considerável de análise e do conseqüente estabelecimento na criança de conteúdos genitais.

Um exemplo de fantasia deste tipo é apresentado por Klein (1996), na análise de seu paciente Félix, quando ele estava com treze anos de idade. Ele jogava futebol com meninas nuas, cujos seios acariciava. Não era possível ver a parte debaixo de seus corpos. Este caso ilustra como a sublimação de fantasias sexuais (deslocamento de seu interesse inicial por conteúdos sexuais para outro tipo de interesse) pode despertar uma curiosidade por jogos.

Ainda na análise deste paciente, Klein (1996) interpreta fantasias sexuais acerca de componentes anais. Ao ir ao teatro, o menino fantasiava que o som da orquestra soava abafado pelo fato desta estar posicionada embaixo do palco, o que estava relacionado à escuta dos sons que provinham da cama dos pais. Félix não conseguia dirigir a libido contida em suas fantasias masturbatórias para o caminho da sublimação

devido à intensa repressão que estas sofriam. Por trás do conteúdo homossexual de suas fantasias masturbatórias foi possível à autora discernir a identificação do menino com seu pai, à qual estava subentendido o desejo de ter relações com sua mãe.

Conforme foi possível analisar as fantasias masturbatórias mais antigas de Félix, aquelas diretamente relacionadas à observação da cena primária dos pais (o menino havia dormido no quarto dos pais até os seis anos de idade), o conteúdo sexual destas fantasias passou de passivo para ativo, ou seja, de homossexual para heterossexual.

A autora ressalta que uma interrupção das fantasias masturbatórias provoca não apenas uma interrupção da atividade lúdica como também compromete toda a vida futura da criança. Ela pode vir a ter sua capacidade de sublimação prejudicada e está propícia a desenvolver diversos tipos de neuroses (KLEIN, 1981). A autora ainda comprova esta afirmação através de sua análise de fobias infantis que têm como alicerce a repressão destas fantasias, as quais sempre vêm acompanhadas de intensos sentimentos de culpa. Como exemplo pode ser mencionado o caso do menino Fritz, cuja fobia era um temor a árvores, ao qual correspondia uma fantasia subjacente: a equivalência do tronco de árvore ao pênis do pai. Fixações artísticas e intelectuais, ou até mesmo alguns tipos de neuroses, têm como fator etiológico, na maioria das vezes, fantasias acerca da cena primária que não foram descarregadas devidamente (KLEIN, 1923/1948).

2-9. a) 2. *Fantasias sexuais das meninas*

Klein (*apud* TEMPERLEY, 2001) relata sobre as fantasias das meninas atreladas ao órgão sexual feminino. Uma vez que elas estão em desvantagem por não poderem visualizar a totalidade de seu órgão, tal como pode ser feito pelos meninos, elas não param de criar fantasias a respeito tanto de sua vagina quanto do ato sexual dos pais. A menina, portanto, está mais à mercê da vida de fantasia do que os meninos.

Para a autora, a menina possui um conhecimento inconsciente a respeito de seu órgão sexual e de sua capacidade reprodutiva. Seu superego é construído devido ao temor de uma espoliação efetuada por sua mãe, decorrente de seus ataques realizados tanto à sexualidade desta quanto aos bebês que vivem dentro da mesma, em sua fantasia. Pode-se dizer, então, que o superego feminino, de acordo com a teorização kleiniana, é construído por meio de fantasias de retaliação (TEMPERLEY, 2001).

Particularmente nas meninas, os primitivos impulsos orais, uretrais e anais conduzem a fantasias vaginais. Elas desejam adquirir e incorporar o pênis paterno dentro delas próprias, desejo que desemboca na fantasia de ter um filho do pai. Uma vez que estes desejos são frustrados, eles se alternam com a fantasia de possuir um pênis. Contudo, com a descoberta de que seu órgão sexual é interno, incapaz de tornar-se parecido com o pênis paterno, este desejo também é mal sucedido. Desta forma, a menina perde as esperanças com o pai e dirige seus desejos e fantasias para sua mãe. Suas tendências e fantasias homossexuais são assim reforçadas pela frustração de seus desejos com seu pai, ao passo que a desvalorização da feminilidade é acompanhada da supervalorização do órgão sexual masculino (HEIMANN, 1980a).

Klein (*apud* TEMPERLEY, 2001) atribui bastante importância à fantasia recorrente em meninas de preencher o desejo feminino da mãe adotando a posição do amante desta, que pode ser o pai ou qualquer outra figura. Isto é semelhante à teorização

lacaniana, na medida em que o autor defende a idéia de que a fantasia está relacionada à vontade da criança de fazer-se objeto do desejo de sua mãe.

De acordo com a teorização lacaniana, é uma característica da mulher a não adesão ao princípio fálico, de modo que o elemento mediador entre os sexos, ao invés de um objeto, passa a ser um significante disponível (NOBUS, 2001). A mulher então pode eliminar a lacuna entre ela e o Outro através de qualquer significante, ao se engajar num comportamento sexual com um sujeito falante.

2-9. a) 3. *Fantasias sexuais e os sintomas neuróticos*

De acordo com Klein (1996), as situações prazerosas – quer as reais, quer as fantasiadas – precisam ser descarregadas, de acordo com a liberdade oferecida pelo ego. Um bom exemplo de fantasia dotada de conteúdos sexuais não descarregada é a que resulta no sintoma histérico. Este nada mais é do que uma fixação de fantasias, as quais atuam com tanta força que não é possível ao ego permitir sua total descarga. Desta forma, a sublimação pode ser compreendida como um mecanismo saudável, no qual a energia sexual presente nas fantasias é deslocada de sua finalidade principal para uma nova atividade substituta. Esta atividade pode ser um trabalho, uma ocupação, uma brincadeira, etc. O desenvolvimento de um interesse por um trabalho criativo, como o trabalho dos artistas, depende, então, da capacidade de sublimação das fantasias sexuais.

2-9. a) 4. *O mistério do ato sexual dos pais*

De acordo com a teorização kleiniana, na primitiva vida fantasística, durante o início do complexo de Édipo, as fantasias sexuais estão sempre relacionadas aos genitores, especialmente ao do sexo oposto. É durante este período que se desenvolvem as fantasias masturbatórias associadas ao ato sexual dos pais. Elas se encontram no período de transição entre o estágio oral e o anal, conhecido como período polimórfico do desenvolvimento. É também neste momento que aparecem as ansiedades características do estágio edípiano, as quais, se não forem elaboradas, podem acarretar problemas de sexualidade, como as perversões (HEIMANN, 1980b).

As frustrações orais que a criança sofre, com o conhecimento da limitação do corpo materno, provocam fantasias masturbatórias a respeito dos prazeres sexuais desfrutados por seus pais, ocasionando um sentimento de ódio e inveja em relação a ambos os genitores, e não apenas à mãe. Estas fantasias recaem em duas distintas categorias: na primeira a criança emprega todas as suas possíveis armas destrutivas com intuito de arruinar o ato sexual dos pais; já na segunda categoria são os pais que se mutilam mutuamente (KLEIN, 1981). A criança os dota de suas próprias armas perigosas, como unhas e dentes. As fantasias desta categoria são mais perigosas em termos do desenvolvimento na criança pequena, uma vez que desembocam em pensamentos acerca do ato sexual como algo extremamente maléfico e prejudicial.

Tais fantasias provocam sentimentos de aniquilamento voltados para ambos os pais, além da destruição imaginada que um possa estar causando ao outro, por meio de seus genitais e excrementos, os quais são, a partir de então, fantasiados como armas poderosas que estão sempre atuando, assim como as armas orais mencionadas anteriormente.

Klein (1996) relata uma fantasia de seu paciente Fritz, na qual ele via seus colegas de escola entrando na sala pela janela e um deles, denominado de “Bolinho”, era muito gordo, o que o impedia de conseguir entrar. A autora interpretou esta fantasia como uma tentativa fracassada do pênis do pai de penetrar na mãe.

Outro exemplo de fantasia manifestada tanto por Fritz quanto por Ernst, outro paciente de Melanie Klein submetido à análise ainda na tenra infância, era a imagem de uma cidade representando a mãe (uma vez que o corpo materno pode ser pensado como algo misterioso, repleto de conteúdos interessantes, tais como o pênis do pai e os bebês, é compreensível que este seja equiparado a uma cidade); os trilhos de um trem sobre a cidade ao pênis do pai sobre o corpo da mãe; e o movimento do trem ao próprio movimento do coito dos pais.

Nestas fantasias, muitas vezes a mãe é imaginada como incorporando o pênis do pai – ou até mesmo seu corpo inteiro, dependendo do grau de elaboração do psiquismo da criança – o que prejudica a crença num seio bom, nutritivo. Da mesma maneira o pai também pode ser visto como o possuidor do seio da mãe, ou até mesmo da mãe inteira. Além disso, a criança também tem fantasias a respeito da imagem dos pais eternamente fundidos em cópula, o que provoca pensamentos a respeito dos males de que os pais são capazes (KLEIN, 1930/1948).

Estas fantasias estão sempre relacionadas aos mecanismos introjetivos, de incorporação, e culminam na formação de imagens como da mãe com pênis, ou do pai com seio, que permeiam a imaginação da criança. Dependendo do sadismo envolvido, elas assumem um caráter sado-masoquista (KLEIN, 1981), já que a destruição dos pais redundaria na destruição da própria criança, a qual, desta forma, cria fantasias de devorar o seio da mãe, utilizando para isso armas presentes na boca, como seus dentes.

A presença constante da imagem dos pais combinados em cópula, tais como o pênis do pai penetrando no seio mãe, é sintoma de algum distúrbio nesta relação. A visão dos pais eternamente fundidos um no outro pode acarretar uma forte ansiedade nas fantasias primitivas, o que, conseqüentemente, prejudica o posterior desenvolvimento. Esta fantasia pode ocasionar problemas nas relações pessoais, tais como a desconfiança de homens e mulheres em geral (KLEIN, 1976).

2-9. a) 5. *Sublimação: processo fundamental para o aprendizado*

O interesse da criança pela escola e pelo aprendizado como um todo já pode ser compreendido como uma sublimação dos interesses relacionados a conteúdos sexuais. Klein (1996) relata a fantasia de seu paciente Ernst, de seis anos de idade, prestes a entrar na escola, na qual já se via realizando a profissão de um “pupilo” e indo para a escola técnica. A autora interpretou que ser um “pupilo” estava ligado ao seu desejo de aprender sobre o coito, ao passo que o início da profissão representava a possibilidade de realizá-lo.

Da mesma maneira, os números são investidos de conteúdos simbólico-sexuais, fazendo com que o aprendizado dos cálculos seja também perpassado por investimentos libidinais. Por exemplo, o número dez era, por Fritz, inconscientemente igualado ao número de dedos das mãos. Devido aos dedos serem, nas fantasias das crianças, representações do pênis, o número dez, por sua vez, era coberto de desejos sexuais. Já o número um, devido a sua semelhança escrita ao pênis, era desencadeador de fantasias de castração.

Na análise de sua paciente Lisa, Klein (1996) percebe que ela associava a divisão de um número maior por um número menor ao coito. Através desta paciente, a

autora ainda percebe a importância de se transportar para o que “as pessoas faziam no passado”, ou seja, de estudar as fantasias relacionadas às relações dos pais entre si e destes com ela. Estas fantasias eram expostas em encenações de batalhas, matanças, etc., envolvendo sempre ambos os pais, as quais estavam sempre relacionadas ao coito.

3. *O avanço Lacaniano*

3-1. *Kant com Sade e o avanço lacaniano*

É no artigo *Kant com Sade* que Lacan (1998) trabalha exaustivamente a relação do sujeito com a fantasia. Este texto enigmático pode ser considerado um dos mais importantes do autor em relação à temática da fantasia, e um bom representante do avanço lacaniano na psicanálise, uma vez que enfoca a dimensão simbólica da vida fantasística por meio de um alicerce filosófico. O autor francês teve seu grande reconhecimento justamente por ter elevado a psicanálise de seu ancoramento biológico ao âmbito da filosofia (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Neste artigo de difícil compreensão, Lacan (1998) propõe a tarefa audaciosa de correlação entre o pensamento filosófico de Kant com a literatura do Marquês de Sade. Enquanto o primeiro defende em sua filosofia o paradigma da moral, cuja máxima implica a presença do dever, o segundo, cujo nome é atrelado ao seu espírito de liberdade, defende o paradigma do libertino (www.obcl.com.br/textos/psi/4).

Kant promoveu uma revolução no pensamento da época ao defender a idéia de que o ser humano não é dotado de um bem natural a sua existência, mas sim que o bem é pré-existente ao homem, determinando-o. Para alcançar este bem, que é o bem moral, o homem deve seguir a voz de sua consciência.

Já Sade opõe-se a este pensamento dizendo que o bem não é sinônimo de felicidade, ou seja, podemos ficar do lado do mal sem estarmos nos prejudicando. Ele ainda expõe que a moral defendida por Kant não nos leva a nada mais que uma vida de dor e infelicidade, já que para seguirmos a moral devemos nos restringir dos prazeres e

abdicarmos, portanto, da liberdade. A máxima sadearna refere-se a abdicar-se da dor e seguir a vontade.

3-1. a) *Kant com Sade e a fantasia fundamental*

Lacan aproxima Sade de Kant ao dizer que para seguir o Marquês de Sade devemos nos submeter a um Outro, já que tanto a dor quanto a vontade são impostos por ele, o que é se assemelha à hipótese de Kant de que a lei da consciência, a qual todo ser humano deve buscar, deve pertencer a uma outra ordem; ou seja, ela é constituída *a priori* (www.obcl.com.br/textos/psi/4). Pode-se concluir que o sujeito humano está sempre à procura de um mestre – o Outro – para que sua vontade seja realizada; a maior dificuldade está em negar o direito ao gozo decorrente desta submissão ao mestre (LACAN, 1998).

A própria posição do sujeito na fantasia fundamental é a submissão em relação a um Outro, e o difícil é sair desta posição. Este Outro que é colocado fora do sujeito é também seu próprio desejo, por isso ele se submete àquele. A estrutura da fantasia é mostrada nesta dor do sujeito em perceber a liberdade do Outro, ao qual é submetido. Ele está completamente aprisionado a este Outro, por meio de seu desejo. A dificuldade está em reconhecer que esta liberdade absoluta conferida a um Outro, fora de si, é sua própria liberdade; é difícil assumir a própria liberdade porque ficar livre, sem a direção do mestre, provoca angústia (LACAN, *apud* TOLEDO, 2003).

Pode-se pensar que, de uma certa maneira, Melanie Klein também se refere à submissão do sujeito que fantasia, já que ela pensa nas fantasias primordiais como inteiramente voltadas em direção ao primeiro objeto de amor: a mãe. Contudo, a autora não utiliza o conceito de *Outro* influenciando a vida do sujeito, ponto fundamental

aprofundado por Lacan. É possível concluir que a autora também coloca a fantasia como vinculada a uma submissão em relação a um mestre, a mãe, porém trabalhou as manifestações fantasísticas como imanentes da presença deste objeto; ao passo que Lacan fez o contrário, situando o aparecimento da fantasia justamente pela falta de conhecimento em relação ao desejo do Outro. Lacan coloca que a fantasia fundamental se constrói a partir desses limites, como uma resposta do sujeito ao enigma insustentável do desejo do Outro, da falta existente no Outro.

Lacan (1998) ainda aproxima a teoria sadéana e kantiana na dimensão do fracasso: Kant conclui em sua filosofia que a razão absoluta é algo inexistente assim como Sade conclui que o alcance do gozo absoluto é algo da ordem do impossível. É importante ressaltar que prazer e gozo são conceitos antitéticos, já que o primeiro está relacionado à superação de um estado de excitação, enquanto o gozo absoluto está relacionado à pulsão de morte, ou seja, a manutenção de um estado de constância, de ausência de excitação. Lacan (1998) então coloca a fantasia na função de reconciliar gozo e prazer, já que ela transforma o primeiro no segundo, ao entrar em cena ([www.escolafreudianajp.org/arquivos/trabalhos/A_fantasia_\(de\)cantada](http://www.escolafreudianajp.org/arquivos/trabalhos/A_fantasia_(de)cantada)).

Esta função também pode ser vista nas entrelinhas da teoria kleiniana, já que a fantasia para esta autora é um meio de obter prazer, tanto para a criança, através de suas fantasias manifestas em sua atividade lúdica, como para os adultos. As fantasias têm uma função semelhante ao brincar, que é produzir prazer. Na vida adulta, elas são devaneios substitutos da brincadeira infantil, os quais são expostos nos trabalhos dos artistas, por exemplo. Contudo, Klein não aborda esta função com a mesma profundidade realizada por Lacan: a autora não enfoca o conceito de gozo, tal como fez Lacan; e sua teorização é criticada por este autor (LACAN, 1995). Ele a considera

superficial, já que não aborda esta questão, a qual é, para ele, fundamental no sujeito humano.

3-1. b) *O objeto α e a fantasia perversa*

Lacan (1998) ainda equipara o objeto causa de desejo – objeto α – a uma voz. O autor faz referência à voz que convocava os franceses no rádio em prol da revolução. Com isto, ele quer dizer que a existência deste objeto pode ser percebida. Esta equiparação do objeto α com uma voz assemelha-se à teoria kantiana na medida em que nesta também existe uma voz, a voz da consciência. Em sua teoria, Kant afirma que não existe um objeto dotado de uma vontade boa; portanto, o objeto do bem para Kant não tem uma dimensão fenomenal, já que é constituído em uma posição subjetiva. Lacan (1998) tenta mostrar que este objeto existe na filosofia kantiana, porém não é um objeto da ordem fenomenal, mas sim transcendental.

A fórmula da fantasia sadéana construída por Lacan ($\alpha \leftrightarrow \bar{\alpha}$), invertida, aponta para o objeto que existe escondido em Kant (LACAN, *apud* TOLEDO, 2003). Ele prossegue refletindo a respeito da fantasia perversa, cuja fórmula é a mesma representada para a fantasia sadéana, ressaltando que o sujeito perverso se coloca no lugar de objeto, fazendo surgir o sujeito barrado, sua vítima. Isso acontece tanto no sadismo quanto no masoquismo; a angústia fica do lado da vítima, do parceiro. O desejo do sádico é provocar a angústia do outro, assim ele se coloca na posição de objeto da fantasia, no lugar de instrumento de gozo absoluto por parte do Outro. O masoquista também age colocando-se na posição de objeto, já que ele acredita ser o objeto α , o desejo do Outro faz a sua lei.

3-2. *Limitações da teorização kleiniana*

Para Lacan (1999) a fantasia, apesar de ser expressa das mais diversas maneiras, tem sempre a mesma estrutura fundamental, representada pela fórmula simbólica: $(\exists \langle \rangle \alpha)$ sujeito barrado, em busca do objeto de desejo. A fantasia pode então ser entendida como uma imagem colocada em ação através da estrutura significante, ou seja, do registro simbólico (LEADER, 2001). O autor francês ressalta que a falha de Melanie Klein reside justamente no desconhecimento da importância do significante, o que, por sua vez, desembocou na construção de uma teorização limitada à abordagem do imaginário, sendo a fantasia entendida como uma atividade de imaginação.

No seminário V, em *A menina e o falo*, Lacan (1999) remete-se à teorização kleiniana dizendo que as fantasias são, para ela, um mecanismo de construção do mundo infantil. Contudo, critica suas descobertas dizendo que ela apenas confronta a criança com o objeto materno, desembocando numa relação especular que quase sempre remete aos primórdios do estágio sádico-oral. Refere-se ainda às principais fantasias das meninas, como a do *Penisneid* – a qual remete ao desejo de que o clitóris seja um pênis – e a de ter um filho do pai, a qual significa a posse do pênis de uma maneira simbólica.

Desta forma, embora Lacan não concorde com todas as proposições kleinianas, pode-se pensar que existe uma aproximação entre a teorização lacaniana e a kleiniana a respeito das fantasias neste texto, na medida em que o autor as aborda sob a dimensão imaginária, apontando para a importância da vida fantasística no processo de desenvolvimento da menina.

Contudo, Lacan vai além da dimensão imaginária e se remete à dimensão simbólica – representada pela articulação significante – dizendo que, embora seja expressa das mais diversas maneiras, a estrutura fundamental da fantasia é sempre a mesma. Assim, para este autor existe uma fantasia fundamental, a qual está presente em

todos nós, cuja estrutura é definida pelo matema ($\exists \langle \alpha \rangle$) (LACAN, 1992, 1999). Lacan diz ainda que sua construção do matema da fantasia enuncia a complementação faltante à teorização kleiniana. Ele considera a função da fantasia muito mal articulada por Melanie Klein, uma vez que, a seu modo de ver, nem seus seguidores mais assíduos foram capazes de realizar uma teoria da fantasia propriamente dita.

Além disso, é possível verificar que a teorização kleiniana a respeito das fantasias está atrelada a percepções sensoriais, ou seja, a presença da ação concreta, que pode ser observada. As pessoas e objetos interessantes para a criança são transferidos para o plano de sensações corporais. Isso pode ser ilustrado através de fantasias imaginativas da criança a respeito do banho, nas quais a limpeza do corpo é fantasiada como a restauração de um objeto danificado pela sujeira; ou em fantasias de introjeção de um objeto associadas à deglutição de algum alimento, o qual, se apresentar um sabor agradável, será considerado um objeto bom; ou, caso contrário, será considerado um objeto tenebroso. Ambos os processos de introjeção e projeção estão atrelados a fantasias que envolvem a presença concreta do objeto externo.

Já a teorização lacaniana considera a fantasia algo da ordem do abstrato, destacada da percepção, independente da presença de objetos concretos. Neste sentido, é possível afirmar que, além de elevar a fantasia do imaginário ao simbólico, o autor ainda a eleva do âmbito concreto para o abstrato, ou seja, do plano perceptivo para o plano das idéias. Desta maneira, as fantasias podem existir através de processos de generalização e abstração de fatos já ocorridos anteriormente, os quais foram armazenados no inconsciente. Isto pode ser comprovado através da própria fórmula da fantasia lacaniana: \exists sujeito barrado, $\langle \alpha \rangle$, em busca de seu objeto de desejo, o qual não é representado por um objeto concreto, mas sim por uma simbolização, uma abstração de um objeto gratificante. Podemos compreender que este objeto gratificante remete-se

à figura materna, a qual atende a todas as necessidades da criança em seus primeiros dias de vida, fazendo com que o infante não seja nem mesmo capaz de distinguir este corpo materno do seu próprio.

3-3. *A fantasia do imaginário ao simbólico*

Lacan foi um leitor das obras de Melanie Klein, o que pode ser comprovado por ele se remeter a elas constantemente. Em relação às fantasias, pode-se dizer que ele utiliza as teorizações kleinianas principalmente no que concerne à dimensão imaginária, porém, vai além desta, abordando, principalmente, a dimensão simbólica, complementando a autora. Embora discorde de várias considerações da obra de Melanie Klein, não deixa de levá-la em consideração.

Para Lacan (1999), o sujeito anuncia em sua fantasia que enquanto ele se encontra na presença do Outro não é nada como pessoa. A estrutura geral da fantasia ($\exists \langle \alpha \rangle$) mostra o sujeito enquanto irredutivelmente afetado pelo significante em uma relação específica com uma dimensão imaginária, o objeto do desejo. O sujeito está privado de algo de si mesmo, o que toma valor de significante, incluso em sua alienação. Este objeto α é aquele no qual o sujeito encontra seu suporte, no momento em que ele se desvanece diante da carência significativa no âmbito do Outro.

3-3. a) *Melanie Klein e o imaginário*

Melanie Klein considera cada fantasia como determinada pela atividade imaginativa subjacente a ela, enfocando-se, então, na dimensão imaginária. Para ela, as fantasias podem ser expressas de diversas maneiras, muito além das palavras, tais como

desenhos, obras de arte, músicas, etc. Como exemplo, Klein (1996) aponta as fantasias de um paciente, o pequeno Fritz, as quais são extremamente diversificadas, ricas em conteúdo imaginário. Ele relatava fantasias nas quais o ventre da mãe aparecia como uma casa, detalhadamente mobiliada: “o estômago era particularmente bem equipado e possuía inclusive uma banheira e uma saboneteira. O próprio Fritz disse a respeito desta fantasia: ‘Eu sei que não é assim de verdade, mas é assim que eu imagino’” (KLEIN, 1996, p. 57). Não só o misterioso corpo da mãe é representado pela criança através de fantasias como também todos os processos que perpassam sua mente no momento. O complexo de Édipo pode ser percebido em fantasias relatadas por Fritz de dois carros correndo juntos: um grande, que parecia um bonde (o pai), e um carrinho pequeno, que corria ao lado dele (o próprio Fritz, disputando com seu pai). O carro grande tinha uma coisa prateada muito bonita (o pênis), e o pequeno tinha uma coisa parecida com dois ganchinhos (o seu pênis pequeno). Os dois carros seguiam em frente, quando bateram contra um bonde que o empurraram para trás (a mãe); o carro grande conseguiu subir em cima do bonde, e levou o pequeno junto com ele. Todos os três ficaram, então, juntos (seu desejo de se unir ao pai e ter a posse da mãe).

Os sonhos também são um importante material, assim como as fantasias, de comprovação da importância do inconsciente expresso por meio do imaginário. Portanto, para a teorização kleiniana a fantasia está presente na vida desde o nascimento, muito antes de a função simbólica estar desenvolvida, e é apresentada constantemente por meios muito diversos, independentemente das palavras.

As palavras são um meio de *referência* à experiência, real ou fantasiada, mas não são idênticas a ela nem a substituem. As palavras podem evocar

sentimentos e imagens e ações, e podem assinalar situações; fazem-no em virtude de serem sinais de experiência, não de serem, elas próprias, o material principal da experiência (ISAACS, 1986, p. 103).

Isaacs (1986) ainda ressalta os sintomas de conversão do histerismo como um importante exemplo da atuação das fantasias independentemente das palavras, nos quais os doentes regridem a um nível de expressão pré-verbal, expressando suas fantasias através de sensações viscerais. Cada sintoma físico é a expressão de uma fantasia particular, o que é comprovado por meio da elucidação da vida fantasística, a qual, por sua vez, faz com que o sintoma correspondente desapareça.

As fantasias expressas em brincadeiras por crianças de tenra idade, cujo desenvolvimento ainda não atingiu a função simbólica, também são outra forma de comprovação que as palavras não passam de um possível meio de expressão das fantasias. Desde o início da vida fantasística, todas as suas manifestações são sentidas como sensações; portanto, as fantasias estão, para a teorização kleiniana, sempre vinculadas a uma experiência concreta da realidade objetiva. Sua origem está nos impulsos instintivos. Posteriormente, as imagens plásticas são incluídas na vida de fantasia, de acordo com a elaboração desta, conforme prossegue o desenvolvimento.

3-3. b) *Lacan do imaginário ao simbólico*

Embora Lacan tenha desenvolvido sua teoria enfocando a dimensão simbólica, é importante ressaltar que ele explorou também as dimensões imaginária e real da fantasia. Contudo, ele diferencia a vida fantasística de uma simples atividade de imaginação. No texto *O desejo e o gozo*, Lacan (1999) distingue as fantasias da atividade imaginativa, justamente pelo fato daquelas serem sempre estruturadas a partir de uma articulação significativa.

Pode-se dizer que Lacan (1995) eleva as fantasias do âmbito imaginário ao simbólico ao interpretar os significantes presentes nas mesmas, a partir da atividade de imaginação do infante, enfatizando o significado nelas implícito. Porém, o autor não deixa de considerar algumas características da fantasia expressas por Klein, como uma fuga do real, uma barreira que o neurótico impõe à realidade e até mesmo um desvio de sua própria pessoa (LACAN, 1953-1954, 1954-1955).

Na análise da fantasia *Bate-se em uma criança*, anteriormente mencionada, podemos concluir que esta fantasia está inscrita na dimensão imaginária, marcada pela especularidade e reciprocidade entre o eu e o outro. Estamos diante de algo que fixa a imagem em um instante, ou seja, a lembrança plena é reduzida ao instante que determina a fantasia, imóvel, carregada de todo o conteúdo erótico que a imobilizou. Contudo, o autor realiza uma análise sob uma perspectiva simbólica, baseando-se na escrita significativa dos três tempos desta fantasia¹⁵. Lacan (1995) afirma que a dimensão imaginária aparece toda vez que se trata de uma perversão.

Prosseguindo no artigo *A fantasia para além do princípio do prazer*, esta fantasia é novamente analisada por Lacan (1999), aprofundando-se no que já fora refletido anteriormente. Neste texto, o conteúdo imaginário da fantasia é novamente exposto, sendo analisado pelo autor de maneira simbólica.

O mesmo acontece durante as fantasias do pequeno Hans, paciente de Freud, cuja análise é também estudada por Lacan. Na fantasia das duas girafas, o menino imaginava uma girafa grande e uma pequena em relação uma com a outra (LACAN, 1995), a grande representava o pai e a pequena, simbolizada por um papel amassado, representava a mãe – ou mais precisamente a falta desta, o falo materno. A partir deste par de girafas podemos interpretar a relação do casal parental. Esta fantasia encontra-se

¹⁵ Vide página 45.

no período do complexo de Édipo; é o desejo da criança de retomar a posse da mãe e ser o falo desta, sob grande irritação por parte do pai, embora esta irritação nunca seja produzida no real, apenas na fantasia de Hans.

Já na fantasia da banheira, também de autoria do pequeno Hans, pode ser vista a representação do complexo de Édipo invertido, o qual também é extremamente importante sob o ponto de vista do significante, já que este complexo pode ser representado por uma frase (LACAN, 1995). Esta fantasia é representada da seguinte maneira: Hans está na banheira (o platô do suporte materno). Alguém entra no local e desparafusa a banheira com sua broca, e depois fura a barriga do pequeno Hans. Ele assume, assim, a forma da mãe, com o ventre perfurado. Posteriormente, Hans tem a fantasia de que novamente aparece alguém com um instrumento, mas desta vez com uma pinça, com a intenção de lhe desparafusar, e o que é desparafusado é seu traseiro, para dar-lhe um outro.

Hans só se sente bem na banheira de sua casa de Viena porque esta preenche bem o espaço de seu traseiro. Nesta ele é capaz de fazer peso. Em qualquer outro lugar onde a banheira seja maior o pequeno Hans tem fantasias de ser devorado, já que ele não é capaz de preenchê-la, o que leva a sua recusa do banho. Esta última fantasia termina com o instalador solicitando-o que vire de lado e mostre o seu pipi, o qual é insuficiente por não conseguir seduzir a mãe, em suas fantasias. Apesar de a expectativa ser de que o instalador irá retirar seu pipi para dar-lhe um melhor, não há indício de término desta fantasia por parte de Hans, deixando incompleto o percurso do complexo de castração. Isto nos leva à conclusão que se trata da representação de um complexo de Édipo invertido, já que ele não consegue seduzir a mãe, restando-lhe o pai; o que é indicado pela representação do traseiro desparafusado.

Lacan então conclui, a partir de fantasias como estas mencionadas, que, embora das mais variadas formas imaginárias, “na sucessão de construções fantasísticas do pequeno Hans, é sempre o mesmo material que está presente” (LACAN, 1995, p. 343), já que a forma simbólica implicada no conteúdo de todas elas é o mesmo ($\exists \leftrightarrow \emptyset$).

Por maiores que sejam as variações da fantasia no âmbito imaginário, simbolicamente elas expressam sempre a mesma estrutura, já que em todas elas é possível observarmos a presença de um sujeito barrado em busca de seu objeto de desejo. Lacan (1995) ainda diz que “todo o processo de fantasias de Hans consiste em restituir esse elemento intolerável do real ao registro imaginário no qual ele pode ser reintegrado” (LACAN, 1995, p. 378). Assim, as fantasias de Hans podem ser entendidas como uma fuga do registro real (do estável, impossível de mudança) para o registro imaginário, onde suas construções podem ser reintegradas e reconstruídas de diversas maneiras.

3-4. *A fantasia no trabalho de análise*

Lacan (1992) afirma que

Se Melanie Klein foi levada a fazer funcionar o analista, a presença analítica do analista, como bom ou mau objeto para o sujeito, é na medida em que ela pensa a relação analítica como dominada desde as primeiras palavras, os primeiros passos, pelas fantasias inconscientes (LACAN, 1992, p. 307).

Pode-se constatar que Melanie Klein se refere a esta importância da fantasia no trabalho analítico ao dizer que este é uma importante via de acesso à vida de fantasia (KLEIN, 1927b/1948) e que está dominado, desde o primeiro momento, pelas fantasias inconscientes, de forma a possibilitar a experimentação destas por parte das crianças, através de seus jogos. Por outro lado, podemos concluir que Lacan (*apud* MILLER,

1984) também ressalta a importância da fantasia durante o processo analítico afirmando que a finalidade da análise é justamente atravessá-la.

3-4. a) *A análise kleiniana*

De acordo com Isaacs (1986), seguidora de Melanie Klein, em seu artigo fundamental sobre a natureza e a função da fantasia, as manifestações da vida fantasística estão presentes em todas as vocalizações do paciente, em seu estilo verbal: a cadência da fala, as repetições, a forma de mudança do relato, suas negações, a maneira como narra os acontecimentos passados e as pessoas envolvidas nestes; enfim, em todas as formas de transferência. Estas formas expõem a relação do analisando com seus objetos atuais (HINSHELWOOD, 2001). O analisando projeta estas relações no analista, o qual as introjeta, interpretando-as.

É importante ressaltar que não somente vocalizações como também comportamentos são totalmente determinados pelas fantasias, uma vez que estas estão presentes na vida desde o nascimento, muito antes de a função simbólica estar desenvolvida, dominadas pela lógica da emoção, e não da racionalidade. A maneira como o paciente entra e sai da sala, como cumprimenta o analista, suas gesticulações, expressões faciais, qualquer gesto manifestador de afeto, tudo isso precisa ser observado, já que em todas estas ações estão imbricadas fantasias inconscientes, as quais podem ou não ser transformadas em ações verbais.

Klein enfatizou sua clínica na análise de crianças a qual, de acordo com a autora, tem a mesma função da análise de adultos: a interpretação de fantasias inconscientes (BENVENUTO, 2001). A autora era contra outras funções expostas por diversos autores; tais como educação e fortalecimento. No caso de crianças pequenas, suas fantasias inconscientes são expressas, simbolicamente, através de sua atividade lúdica e

é função do analista a interpretação destas brincadeiras, de forma a elucidar as fantasias subjacentes a elas e analisá-las. Qualquer tipo de brincadeira é um possível continente de fantasias e desejos inconscientes.

Klein (1980) enfatiza a importância de deixar a criança brincar livremente, para que suas fantasias, sua agressividade e suas angústias possam ser liberadas naturalmente. Jogos infantis; brincadeiras com bola, boneca, carrinhos, blocos; massinha; desenhos; pinturas; obras de arte feitas com barbante, cola, tesoura, papel e água; narrativas de sonhos diurnos, todos estes são meios de expressão da vida fantasística inconsciente que existe em todas as crianças. Por meio da interpretação destes meios de expressão pode-se reduzir a ansiedade da criança e ganhar acesso a sua fantasia. Estas manifestações são sempre seguidas de intensa ansiedade e desejos de reparar os danos outrora cometidos, em fantasia.

Klein (1996) ressalta a viabilidade do trabalho de análise desde a tenra infância, já que a finalidade maior deste é a interpretação das fantasias inconscientes e, uma vez que o inconsciente está presente desde o nascimento, representado pelo id, o ego (consciência) ainda não precisa estar totalmente desenvolvido para que seja possível a realização de um trabalho analítico. Embora este trabalho não seja fácil, é extremamente produtivo, já que através dele é possível termos acesso às grandes profundezas do inconsciente.

As crianças pequenas estão sob um domínio muito maior do inconsciente, o que não só viabiliza como também ressalta a importância delas serem submetidas à análise. Suas angústias, seus sentimentos de culpa estão muito mais fortes e mais fáceis de serem captados, principalmente durante o período edipiano. Um exemplo que ilustra a presença deste complexo é a fantasia comum em meninos de entrar no quarto dos pais e matar o seu pai, a qual está presente mesmo em crianças normais. Já as meninas querem

destruir a beleza de sua mãe, queimando ou até cortando o seu rosto (KLEIN, 1996). Muitas vezes as crianças querem cortar os pais em pedaços, e sujá-los com suas fezes.

Contudo, esta aparência repulsiva despertada por estas fantasias sádicas primordiais é modificada ao analista entrar em contato com as profundezas do inconsciente infantil. Quando a angústia presente nestas fantasias primitivas é elaborada, é possível, durante o trabalho de análise, direcionar a libido presente na vida fantasística para trabalhos construtivos, através da sublimação; como trabalhos artísticos, intelectuais, etc.

Já nas crianças mais velhas, as fantasias continuam presentes, embora suas representações em ações diminuam em intensidade. A repressão é muito maior no período de latência, o que causa a aparência, durante o trabalho de análise, de que estas crianças não fantasiam. Contudo, as fantasias não só continuam existindo como são imprescindíveis para o processo analítico ser levado adiante e atingir o fim almejado (KLEIN, 1996).

A importância da interpretação de toda a vida fantasística, considerada impossível por Lacan e seus seguidores, reside no fato dos conteúdos subjacentes serem de extrema relevância para a saúde mental. Processos como o complexo de Édipo, o sadismo inicial contra a mãe, irmãos, etc., decorrentes da posição esquizo-paranóide, fazem parte da vida de fantasia e são expressos de alguma maneira, mesmo que seja por meio das brincadeiras, no caso das crianças. Klein (1996) enfatiza a questão de que o analista deve interpretar as mais diversas manifestações fantasísticas, já que estas são vias de acesso ao mais profundo inconsciente.

Esta questão pode ser ilustrada com seu paciente Fritz, que foi levado à análise ainda em sua tenra infância. Em seus jogos, o menino “matava e abusava de seu pai”, o qual era representado por capitães, oficiais, dentre outras figuras importantes. Depois da

realização destes tipos de maltrato, algumas vezes Fritz fantasiava que estes “oficiais” voltavam à vida, uma vez que eles já haviam sofrido o suficiente. É claro que o revide é uma representação simbólica das fantasias edípicas de Fritz, já que seu desejo era maltratar seu pai por este haver lhe roubado seu objeto de amor: sua mãe.

O menino descrevia seus ataques contra os “capitães”, “reis”, “imperadores” claramente, os quais o fortaleciam cada vez mais. Estes eram realizados com ajuda de “armas poderosas” – representações de seu pênis – o que pode ser comprovado por suas associações, tais como o relato de que “o seu canhão é tão grande, que chega até o céu” (KLEIN, 1996, p. 61).

Mesmo em pacientes adultos ainda é possível detectar a presença destes conteúdos. Através da interpretação de toda esta variedade de manifestações fantasísticas, é possível fazer com que estas fantasias e desejos inconscientes sejam transferidos da esfera do inconsciente para a consciência, ou ao menos à pré-consciência. Esta transferência permite ao paciente um domínio real de seus processos psíquicos.

As fantasias no trabalho de análise precisam ser observadas como pertencentes a uma cadeia evolutiva; já que no decorrer do processo elas vão sendo elaboradas, de acordo com o desenvolvimento do paciente, sendo que as mais desenvolvidas estão sempre relacionadas às anteriores numa cadeia associativa. Uma das funções do trabalho analítico é tornar estas associações claras ao paciente; o processo de cura é baseado na elucidação das fantasias e na demonstração de encadeações de pensamentos presentes com as fantasias passadas que se passaram na tenra infância. É importante que o analista consiga levar o paciente de volta aos seus primeiros anos de vida.

Portanto, é extremamente importante que o paciente libere suas fantasias no trabalho de análise (KLEIN, 1976). Esta expressão, na criança de tenra idade, ocorre por

meio de sua manifestação simbólica, através de brincadeiras e jogos. Uma criança que da rédea solta às suas fantasias liberta-se de seus conteúdos reprimidos e, portanto, de todas as angústias e ansiedades associadas aos mesmos.

Klein (*apud* RIVIERE, 1986b) considera as fantasias do objeto integrado, que começam durante o início da posição depressiva – por volta do quarto mês de vida – de extrema importância para o trabalho analítico, já que todas as resistências estão relacionadas a esta questão. O reconhecimento de pessoas integradas é eliciador de intensas ansiedades, uma vez que a prevalência da agressividade pode despedaçá-las novamente; ou seja, um retorno a fases mais primitivas é acompanhado de um retorno da visão do corpo externo em fragmentos.

3-4. b) *A análise lacaniana*

Já para Lacan (*apud* JORGE, 2006b), a entrada no trabalho de análise ocorre por meio do sintoma do paciente. Contudo, por trás deste sempre se encontra uma fantasia subjacente, a qual é construída em um segundo momento da análise, após haver sido trabalhada uma quantidade suficiente de significantes (BURGOYNE, 2001). Embora Lacan relacione o fim da análise com a fantasia, e não com o sintoma (MILLER, 1984), o paciente procura o analista devido a uma queixa sintomática, ou seja, esta é diretamente relacionada ao início do trabalho analítico. A fantasia não é pelo que o paciente vem queixar-se, mas sim o meio pelo qual ele obtém prazer, seu consolo contra seu sintoma, o qual produz desprazer.

A fantasia pode então ser vista no trabalho de análise como um resíduo da interpretação do sintoma; enquanto este é interpretado ela é analisada, com o intuito de ser atravessada. O sintoma do paciente é sempre um relato dinâmico, apresentando-se

das mais diversas maneiras; porém, a fantasia permanece estática, reduzida a um instante especial, não apresenta dimensão temporal no processo de cura. Uma vez que o paciente apresenta-se com seu sintoma, inicia-se a procura pela fantasia que o determina.

A fantasia do neurótico não pode ser relatada sem estar acompanhada de forte sentimento de culpa e vergonha, já que ela muitas vezes contraria seus valores morais, devido aos elementos perversos presentes em seu conteúdo – o que não quer dizer que um sujeito seja perverso por ter fantasias deste caráter. Neste sentido, investigar a fantasia corresponde a “ver o que está por trás. Coisa difícil porque – dizendo rapidamente – por trás não há nada” (MILLER, 1984, p. 97).

É importante ressaltar, conforme anteriormente mencionado, que a teoria lacaniana considera a interpretação da fantasia algo impossível de ser realizado, devido ao fato de ela estar situada na falta do significante. Por isso ela é investigada, e não interpretada, ao contrário de Melanie Klein, cujo interesse era interpretar todas as manifestações fantasísticas.

Existem três dimensões da fantasia: a imaginária, correspondente às produções em imagens do sujeito, primeiro aspecto a ser estudado por Lacan e o mais simples de ser observado. A simbólica, aspecto mais encoberto que não aparece no primeiro nível da experiência, e é demonstrado pelas construções fantasísticas através das leis da linguagem, obedecendo às regras e leis desta. Foi esta dimensão que permitiu a Lacan a construção de um matema, a partir da afirmação de que existe uma lógica da fantasia, e foi por ele a mais enfatizada. Já a dimensão real, terceira e última, reflete sua impossibilidade de mudança. Esta dimensão é a mais fundamental, já que permite apontar para uma “estática” da fantasia, a qual faz com que ela seja vista como uma

forma de resistência. A impossibilidade de representação da fantasia por meio de palavras provoca a introdução deste registro (MILLER, 1984).

Desta forma, o fim da análise corresponde a uma modificação da relação do sujeito com a dimensão real da fantasia, uma vez que o paciente precisa elaborar as suas resistências. A travessia da fantasia é o marco de que a análise chegou ao fim. Ela permite a passagem do sujeito de sua dimensão simbólica, adquirida com a entrada da fantasia em sua vida, para a dimensão real (JORGE, 2002). O próprio discurso do psicanalista, tomado pelo analisando como sujeito falante, é o que leva o sujeito a falar sobre o próprio sintoma, e, conseqüentemente, atingir a capacidade de atravessar sua fantasia fundamental. Após esta travessia, o analisando torna-se capaz de um engajamento em uma vida sexual não mais dominada por seu sintoma inicial, sendo este o sinal definitivo de que a análise chegou ao fim (BURGOYNE, 2001).

Desta forma, embora a análise permita ao sujeito uma vida saudável ao proporcionar um maior conhecimento acerca de si mesmo, o trabalho analítico, para Lacan, também está relacionado a muitas perdas. Uma vez que a travessia da fantasia é realizada, com esta decantação também vão embora as ilusões que a determinam, as quais estão relacionadas à posse de coisas impossíveis de serem possuídas, como a si mesmo, o Outro, e tudo o que há na relação entre eles (NUBUS, 2001).

3-4. c) *O avanço lacaniano no trabalho analítico*

Para Klein (1926/1948), a análise está relacionada à elucidação da fantasia, e ela defende a posição de que todas as manifestações fantasísticas devem ser interpretadas.

A partir desta elucidação e interpretação, é possível ver tendências destrutivas sendo utilizadas para trabalhos construtivos – como obras de arte e outros trabalhos intelectuais – através da sublimação, ou até mesmo uma diminuição da masturbação, devido à análise das fantasias relativas às mesmas.

Já Lacan defende a idéia de que a análise precisa atravessar a fantasia fundamental, sendo esta a sua função primordial. Uma vez que a fantasia origina-se a partir do recalque originário, construindo uma verdadeira proteção do sujeito contra o mundo real através da predominância do mundo psíquico, atravessar a fantasia é o mecanismo de tomada de consciência – por parte do sujeito – dos significantes que intermedeiam sua relação com o real (JORGE, 2007b). A partir da travessia da fantasia é então atingida a dimensão real, a qual sustenta toda a estrutura psíquica.

A travessia da fantasia significa percorrê-la em seus dois pólos: o de sujeito e o de objeto. Desta forma, os elementos são modificados, passando a ocupar outros lugares: de $(\exists \langle \alpha \rangle)$ a fórmula da fantasia passa a ser $(\alpha \langle \exists \rangle)$. Esta modificação, por sua vez, leva a uma queda da segurança que a fantasia ocasionava até então, a qual está relacionada à indecisão característica de todo neurótico.

Neste sentido, o fim da análise significa, para o neurótico, atravessar sua fantasia amorosa, uma vez que sua fantasia está fixada no pólo do inconsciente, que é o pólo do amor. Já para o perverso, atravessar a fantasia significa atravessar a fantasia de gozo, já que ele está situado no pólo da pulsão, que é o pólo do gozo. Contudo, atravessar a fantasia implicaria também, para o neurótico, ter acesso ao pólo do gozo, já que esta travessia significa percorrê-la em seus dois pólos, tanto o do \exists , pólo do inconsciente, do amor, quanto o do α pequeno, pólo da pulsão, do gozo. Da mesma maneira, a travessia da fantasia abre o acesso à dimensão do amor ao perverso (JORGE, 2006b).

Ao atravessar a fantasia, percorrendo seus pólos, o sujeito também, conseqüentemente, terá acesso à dimensão que liga um pólo ao outro, representada pelo símbolo “<>”, que é o representante do desejo. Isto significa que ao percorrer a fantasia de um pólo a outro o sujeito entra em contato com o seu desejo, sendo este aqui sinônimo de falta; falta do gozo perdido a partir da entrada no mundo simbólico.

Atravessar a fantasia significa, portanto, sua desconstrução e, conseqüentemente, lançar o analisando novamente no vetor da pulsão de morte, que é o suporte de nossa estrutura psíquica; ou seja, significa a permissão do desfrute da Coisa, o qual foi interdito anteriormente com o aparecimento da fantasia. Contudo, isto não implica em um retorno aos primórdios do estágio de elaboração psíquica, já que o sujeito agora saberá lidar com a sua pulsão de morte, uma vez que já percorreu todo o percurso de construção de sua fantasia fundamental, amadurecendo seu psiquismo.

Além disso, Lacan era contra a forma como a psicanálise estava sendo exercida na época, regrada pelos postulados da Associação Psicanalítica Mundial – IPA. Ele introduziu o conceito de *ato psicanalítico* (QUINET, 2005), retirando a psicanálise do âmbito das regras e situando-a na esfera da ética para que, a partir de então, ela fosse regida pelo *desejo* do analista. Suas sessões não eram enquadradas em um tempo definido e limitado, mas sim pelo próprio momento do inconsciente do analisando.

O ato psicanalítico refere-se à capacidade do analista de dar existência ao inconsciente, enfatizando a dimensão particular de cada caso. Ele ocorre no momento de conclusão das entrevistas preliminares à análise, e se remete à capacidade do analista de transformar o ensaio em análise propriamente dita. Deste modo, o *setting* analítico que precisava ser rigidamente atendido até então é reformulado, dando lugar à única regra existente que é a da *associação livre*, ou seja, de que o paciente deve relatar *tudo* o que tiver em mente, regra que rege a psicanálise até a atualidade.

O fim da análise, além de estar relacionado a uma modificação na dimensão real da fantasia, para Lacan também acarreta a passagem de um psicanalisando a um psicanalista. O analista, que até então representava a castração, a falta, a impossibilidade, é destituído subjetivamente. O analista como Outro é retirado de seu lugar de suposto saber e aparece como um resto; é desvanecido de sua posição. Esta passagem de psicanalisando a psicanalista foi denominada por Lacan de *o passe*. Os princípios de funcionamento do *passe* foram adotados em 1969, por meio de um texto escrito por Moustapha Saphouan e colaboradores (QUINET, 2005).

Para que ocorra esta passagem, portanto, dois mecanismos fundamentais precisam estar presentes, os quais determinam o fim da análise: a travessia da fantasia fundamental e a destituição subjetiva. Esta corresponde à queda da idealização do analista por parte do paciente, ou seja, a destituição do analista como sujeito suposto saber, já que o paciente deixa de se sentir submetido àquele.

A travessia da fantasia corresponde justamente à destituição subjetiva, na medida em que é a própria fantasia que sustenta a imagem do analista como sujeito suposto saber. A vida fantasística pode ser considerada uma ligação do sujeito com o mundo real (QUINET, 2005), já que é a partir dela que ele se orienta em suas relações para com o mundo; ela lhe dá segurança em suas ações. Desta maneira, a análise, ao promover a travessia da fantasia, promove um abalo na orientação do sujeito, retirando-o de sua âncora de segurança e colocando-o na zona de incerteza.

4. *Palavras finais*

Desta forma, podemos concluir que as fantasias estão presentes no mundo interno de crianças, adolescentes e adultos, na forma de uma mesma estrutura simbólica desenvolvida por Lacan ($\exists \langle \rangle \alpha$), a qual se apresenta em diferentes momentos do desenvolvimento psíquico, por meio de diferentes conteúdos imaginários, tal como nos mostra a teoria de Melanie Klein.

Enquanto Lacan define a fantasia como uma busca eterna do sujeito ao encontro do significante que está no Outro, a situar-se no discurso dele (LACAN, 1966-1967, 1991, 1998), Melanie Klein a define como a representante do instinto, cuja matriz está na percepção sensorial, determinando a atitude da criança em relação a seus objetos (KLEIN 1963, 1981, 1996). Ambos os autores partem da mesma teorização freudiana relativa à vida de fantasia, contudo se inclinam para diferentes aspectos desta: enquanto Melanie Klein enfoca-se no aspecto imaginário, Lacan vai além deste enfocando a dimensão simbólica presente na vida fantasística.

Estas diferenças de foco podem ser comprovadas pela forma da análise kleiniana das fantasias inconscientes, a qual não se apóia na fala, na linguagem, mas sim nas brincadeiras das crianças e em seus conteúdos imaginários, como os sonhos e os trabalhos artísticos. Já o autor francês volta sua análise da fantasia para processos que se desenvolvem fundamentalmente através da linguagem, como pode ser comprovado na análise da fantasia *Bate-se em uma criança*. Com isto, pode-se concluir que enquanto a primeira deteve-se na análise do imaginário contido nas manifestações fantasísticas, o segundo esteve interessado em analisar a dimensão simbólica contida nestas manifestações, representada pela fórmula matemática: ($\exists \langle \rangle \alpha$) a qual mostra a inserção do simbólico na dimensão do real.

Desta maneira, podemos afirmar que o conceito de fantasia para Melanie Klein, embora seja estudado por ela de uma maneira extremamente rica e detalhada, é

limitado, já que aborda apenas a dimensão imaginária. Já Lacan, partindo da dimensão imaginária, sobre a qual o sujeito se apóia na busca pelo objeto do desejo, aborda também o simbólico e o real, enfocando principalmente o primeiro, o que lhe permite incluir o Outro da linguagem na construção da fantasia e alcançar a dimensão do desejo implicado nela.

5. Referências bibliográficas

ANDRADE, L. F. G. *A fantasia Decantada*. Disponível em: www.escolafreudianajp.org. Acesso em 23/09/2008.

BASTOS, A. B. I. *A construção da pessoa em Wallon e a constituição do sujeito em Lacan*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 151 p.

BENVENUTO, B. Era uma vez: o bebê na teoria lacaniana. In: BURGOYNE, B. & SULLIVAN, M. (Org.). *Diálogos Klein-Lacan*. São Paulo: Via Lettera, 2001. p. 29-46.

BURGOYNE, B. Interpretação. In: BURGOYNE, B. & SULLIVAN, M. (Org.). *Diálogos Klein-Lacan*. São Paulo: Via Lettera, 2001. p. 65-82.

CORRÊA-LIMA, O. B. *Freud, Kant, Sade, Lacan e Godino cabas*. Disponível em: www.obcl.com.br/textos/psi/4. Acesso em 22/09/2008.

DOR, J. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como uma linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FREUD, S. & BREUER, J. (1895). Estudos sobre a histeria. In: FREUD, S. *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 13-316. (vol. II).

FREUD, S. (1897a). Estratos dos documentos dirigidos a Fliess: Rascunho L. In: _____. *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 297-299. (vol. I).

_____. (1897b). Estratos dos documentos dirigidos a Fliess: Rascunho M. In: _____. *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 300-302. (vol. I).

_____. (1899a). Estratos dos documentos dirigidos a Fliess: Carta 101. In: _____. *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 327-328. (vol. I).

_____. (1899b). Estratos dos documentos dirigidos a Fliess: Carta 105. In: _____. *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 329-331. (vol. I).

_____. (1900). Sobre os sonhos. In: _____. *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (vol. IV).

_____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 119-229. (vol. VII).

_____. (1906). Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. In: _____. *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 255-265. (vol. VII).

_____. (1907). Escritores criativos e devaneios. In: _____. *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 149-158. (vol. IX).

_____. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: _____. *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 273-286. (vol. XII).

_____. (1919). Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: _____. *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 193-219. (vol. XVII).

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: _____. *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 13-78. (vol. XVIII).

_____. (1930). Mal estar na civilização In: _____. *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 67-150. (vol. XXI).

HEIMANN, P. Uma contribuição para a reavaliação do complexo de Édipo: Os estágios primitivos. In: KLEIN, M. (Org.). *Novas tendências na psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980a. p. 49-66.

_____. Uma combinação de mecanismos de defesa em estados paranóides. In: KLEIN, M. (Org.). *Novas tendências na psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980b. p. 253-282.

_____. Certas funções da introjeção e da projeção no início da infância. In: KLEIN, M. (Org.). *Progressos da psicanálise*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1986. p. 136-184.

HEIMANN, P. & ISAACS, S. Regressão. In: KLEIN, M. (Org.). *Progressos da psicanálise*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. p. 185-215.

HINSHELWOOD, R. D. *Dicionário do pensamento kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 507 p.

HINSHELWOOD, R. D. Transferência e contratransferência. In: BURGOYNE, B. & SULLIVAN, M. (Org.). *Diálogos Klein-Lacan*. São Paulo: Via Lettera, 2001. p. 183-191.

ISAACS, S. A Natureza e a função da fantasia. In: KLEIN, M. (Org.). *Progressos da psicanálise*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. p. 79-135.

JORGE, M.A.C. Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos. In: JORGE, M.A.C. & RINALDI, D. (Org.) *Saber, verdade e gozo: leituras de O seminário*, livro17, de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002. p. 17-32.

_____. A pulsão de morte. *Estudos de psicanálise*. Belo Horizonte, 26 (26): 23-40, out. 2003.

_____. As quatro dimensões do despertar: sonho, fantasia, delírio e ilusão. *Agora*. Rio de Janeiro, 9 (2): 275-289, dez. 2005.

_____. A travessia da fantasia na neurose e na perversão. *Estudos de psicanálise*. Rio de Janeiro, 29 (29): 29-38, set. 2006a.

_____. O sintoma é o que muitas pessoas têm de mais real: sobre os quatro conceitos fundamentais da psicanálise e a fantasia. *Langage et Inconscient*. Paris, 1 (2): 101-111, jun. 2006b.

_____. Teoria e castração. *Reverso*. Belo Horizonte, 29 (54): 37-42, set. 2007a.

_____. A teoria freudiana da sexualidade 100 anos depois (1905-2005). *Psychê*. São Paulo, 6 (20): 28-26, jun. 2007b.

_____. Lacan e a escrita da fantasia. In: COSTA, A. RINALDI, D. (Org.) *Colóquio Internacional Escrita e psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007c. p. 139-146.

KAUFMANN, Pierre. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. 789 p.

KLEIN, M. (1921). The development of a child. In: _____. *Contributions to psycho-analysis*. London: Hogart Press, 1948. p. 13-67.

_____. (1923). Infant analysis. In: _____. *Contributions to psycho-analysis*. London: Hogart Press, 1948. p. 87-116.

_____. (1926). The psychological principles of infant analysis. In: _____. *Contributions to psycho-analysis*. London: Hogart Press, 1948. p. 140-141.

_____. (1927a). Criminal tendencies in normal children. In: _____. *Contributions to psycho-analysis*. London: Hogart Press, 1948. p. 185-201.

_____. (1927b). Symposium on child-analysis. In: _____. Contributions to psycho-analysis. London: Hogart Press, 1948. p. 152-184.

_____. (1929). Personification in the play of children. In: _____. *Contributions to psycho-analysis*. London: Hogart Press, 1948. p. 215-226.

_____. (1930). The importance of symbol-formation in the development of the ego. In: _____. London: Hogart Press, 1948. p. 236-250.

_____. (1933). The early development of conscience in the child. In: _____. Contributions to psycho-analysis. London: Hogart Press, 1948. p. 267-277.

_____. (1934). A contribution to the psychogenesis of manic-depressive states. In: _____. London: Hogart Press, 1948. p. 282-310.

_____. (1945). The Oedipus complex in the light of early anxieties. In: _____. London: Hogart Press, 1948. p. 339-390.

_____. *Our adult word and other essays*. London: Medical Books, 1963. 121p.

_____. *Narrativa da análise de uma criança*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 465 p.

_____. A técnica analítica através do brinquedo: sua história e significado. In: _____. (Org.) *Novas tendências na psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1980. p. 25-48.

_____. *Psicanálise da criança*. 3ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981. 394 p.

_____. Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê. In: _____. (Org.) *Os progressos da psicanálise*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986a. p. 216-255.

_____. Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: _____. (Org.) *Os progressos da psicanálise*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986b. p. 313-343.

_____. Sobre a observação do comportamento dos bebês. In: _____. (Org.) *Os progressos da psicanálise*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986c. p. 256-189.

_____. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 504 p.

LACAN, J. (1953-1954). *O seminário: livro I - Los escritos técnicos de Freud*. (inédito), Versão EFBA em CD ROM.

_____. (1954-1955). *O seminário*: livro II - El yo en la teoría de Freud. (inédito), Versão EFBA em CD ROM.

_____. (1958-1959). *O seminário*: livro VI - El deseo y su interpretación. (inédito), Versão EFBA em CD ROM.

_____. (1961-1962). *O seminário*: livro IX - La Identificación. (inédito), Versão EFBA em CD ROM.

_____. (1962-1963). *O seminário*: livro X - La Angustia. (inédito), Versão EFBA em CD ROM.

_____. (1966-1967). *O seminário*: livro XIV - La lógica del fantasma. (inédito), Versão EFBA em CD ROM.

_____. *Família*. 2ª ed. Lisboa: Assirio E. Alvim, 1981. 93 p.

_____. (1964). *O seminário*: livro XI - Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. 283 p.

_____. (1959-1960). *O seminário*: livro VII - A ética da psicanálise. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

_____. (1960-1961). *O seminário*: livro VIII - A transferência. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. 386 p.

_____. (1956-1957). *O seminário*: livro IV - A relação de objeto. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. 456 p.

_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 937 p.

_____. (1957-1958). *O seminário*: livro V - As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 532 p.

_____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 607 p.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988a. 99p.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. *Vocabulário de Psicanálise*. 10ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988b. 707 p.

LAPLANCHE, J. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 174 p.

LEADER, D. Fantasia em Klein e Lacan. In: BURGOYNE, B. & SULLIVAN, M. (Org.). *Diálogos Klein-Lacan*. São Paulo: Via Lettera, 2001. p. 115-131.

- MEZAN, R. *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 585 p.
- MILLER, J. *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984. 152 p.
- MONEY-KYRLE, R. Introdução. In: KLEIN, M. (Org.). *Novas tendências na psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1980. p. 19-24.
- NOBUS, D. Teorizando a comédia dos sexos: Lacan e a sexualidade. In: BURGOYNE, B. & SULLIVAN, M. (Org.). *Diálogos Klein-Lacan*. São Paulo: Via Lettera, 2001. p. 143-169.
- QUINET, A. *As 4+1 condições da análise*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 125 p.
- RIVIERE, J. Introdução geral. In: KLEIN, M. (Org.). *Progressos da psicanálise*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986a. p. 11-47.
- _____. Sobre a gênese do conflito psíquico nos primórdios da infância. In: KLEIN, M. (Org.). *Progressos da psicanálise*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986b. p. 48-78.
- RODRIGUÉ, E. A análise de um esquizofrênico, com mutismo, de três anos de idade. In: KLEIN, M. (Org.). *Novas tendências na psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1980. p. 183-230.
- ROUDINESCO, E. & PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 874 p.
- SEGAL, H. *Introdução à obra de Melanie Klein*. São Paulo: Nacional, 1966. 125 p. (Série quatro).
- SIMON, R. *Introdução à psicanálise: Melanie Klein*. São Paulo: Epu. 1986. 135 p.
- TEMPERLEY, J. Concepções de Klein sobre a sexualidade, em particular sobre a sexualidade feminina. In: BURGOYNE, B. & SULLIVAN, M. (Org.). *Diálogos Klein-Lacan*. São Paulo: Via Lettera, 2001. p. 135-142.
- TOLEDO, M. R. *A fantasia e suas implicações na clínica psicanalítica*. 2003. 93 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.